

“Dialogar com um Centro Histórico: O tecido urbano de Torres Novas à luz da História da Arte”

Diana Gonçalves dos Santos

(Mestre em História da Arte Portuguesa,
Doutoranda em História da Arte
Portuguesa na FLUP-UP, Bolseira da FCT)



Aceite o convite para vir participar neste Seminário, o desafio da presente comunicação consistiu sobretudo em rever o papel do investigador em História da Arte na gestão dos centros históricos, construindo-se esse exercício à volta de um estudo de caso sobre o tecido urbano de uma cidade média, em franca expansão urbana, da realidade do Centro-Sul de Portugal continental. As ideias que aqui partilharemos têm como base uma investigação que realizámos sobre o centro histórico de Torres Novas, a qual foi desenvolvida no âmbito do trabalho final da *Pós-Graduação em Recursos Patrimoniais*, ministrada nesta faculdade no ano lectivo de 2003/2004.⁹²

Passados cerca de seis anos sobre a realização do referido estudo analítico sobre o centro histórico torrejano, foi necessária uma actualização de conteúdos sobre a imagem actual da cidade de Torres Novas e suas políticas de intervenção. Faremos, portanto, aqui uma re-visitação dessa análise sobre o seu tecido urbano antigo, tendo como fio condutor um diálogo que o colocará a falar com o investigador em História da Arte, tendo em vista a indagação do seu percurso evolutivo, o entendimento da sua identidade patrimonial, o diagnóstico dos males de que padece e a procura de soluções com vista à sua salvaguarda e reabilitação.

Não negligenciamos a extrema importância da multidisciplinaridade na gestão eficaz e optimizada dos centros históricos, contudo, olhando as cidades como somatórios de produtos artísticos e os seus tecidos urbanos como objectos artísticos por si só, vemos no investigador em História da Arte um elemento determinante na compreensão da historicidade profunda do fenómeno urbano.⁹³

Consideramos a metodologia de investigação da forma urbana, como processo de entendimento da formação da cidade, indissociável da perspectiva metodológica da História da Arte, onde o positivismo, o formalismo e a fenomenologia poderão eficazmente responder às questões essenciais da leitura do tecido urbano: Onde está? Quem é? Qual o seu percurso de vida? Qual o seu *estado de alma*? Neste sentido, entendemos ser esta a base de qualquer leitura interpretativa sobre o fenómeno urbano, bem como de qualquer projecto de intervenção do tipo reabilitativo, conservativo ou requalificativo. Lembramos, contudo, que a esta perspectiva de base devem somar-se, para uma mais profunda leitura do espaço humanizado, as várias ópticas correspondentes às várias disciplinas que podem relacionar-se, directa ou

⁹² O Centro Histórico de Torres Novas. *Estudo analítico, segundo a perspectiva da História da Arte*. A síntese desse estudo foi publicada num artigo da revista *Poligrafia* [publicação do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão]: Vd. SANTOS, Diana Gonçalves dos - A Requalificação do Centro Histórico de Torres Novas, segundo a perspectiva da História da Arte. *Poligrafia*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. N.º11/12 [2004/2005], pp.135-162.

⁹³ ARGAN, Giulio Carlo – *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp.73-91.

indirectamente, com a História da Cidade, como a Arqueologia, a Antropologia, a Geografia ou a Sociologia.

Para compreender a origem do fenómeno urbano é incontornável uma leitura à escala geográfica, considerando a sua situação no âmbito nacional e regional e as suas características biofísicas e populacionais, as quais incluirão obrigatoriamente dados geológicos, hidrológicos, fisiográficos, orográficos, climáticos, demográficos.

. Onde está? – O suporte geográfico e a organização do tecido urbano de Torres Novas

Situado no quadro regional do Médio Tejo [Fig.1], o núcleo urbano de Torres Novas insere-se administrativamente no distrito de Santarém e apresenta uma forte dinâmica territorial com os centros urbanos de Tomar e Abrantes, numa primeira esfera, e do Entroncamento, Vila Nova da Barquinha, Alcanena e Ourém, numa segunda esfera.

Essa posição, junto ao curso médio do Tejo, deve ser descodificada num quadro de polarização do espaço que se apresenta activo com alguns dos núcleos urbanos atrás mencionados já desde longa data. Na verdade, a sua origem deve ser entendida no contexto da formação do reino de Portugal, e mais particularmente considerando as opções políticas articuladas com as estratégias de Reconquista e Repovoamento operadas a partir do século XII.

Tendo em vista a defesa efectiva e suficientemente sólida da linha do Tejo criou-se uma estrutura de ocupação humana, em que a constituição de pólos ordenadores do espaço serviria a estratégia de repovoamento tão importante nesse período de consolidação do reino. [Fig.2] Repescando o entendimento do território segundo o esquema triangular Abrantes – Tomar – Torres Novas, em articulação com a vizinha Santarém [a SE], a projecção do termo torrejano à época era secundária, mas polarizava o espaço intermédio entre Santarém e Tomar, devido à sua situação geográfica favorável ao povoamento que incluía uma boa perspectiva agrícola e a ligação oportuna com diversas unidades viárias⁹⁴ quer por terra quer por via fluvial [não esqueçamos o facto de o rio Almonda, afluente do Tejo, ser navegável nesses tempos].

⁹⁴ Veja-se, por exemplo, a proximidade com uma via romana situada a NE da povoação. Existem ainda ruínas de uma via que se julga serem parte da via *Olisipo-Bracara Augusta*: uma via vinda de *Tabucci* [Tancos], que passava junto da *Villa Cardilio* [situada a S da cidade de Torres Novas] e seguia até *Sellium* [Tomar], em direcção a *Aeminium*, e *Cale*.



Figura 1
O território do Médio Tejo a partir do Google Earth
Imagem de 30 de Outubro de 2006

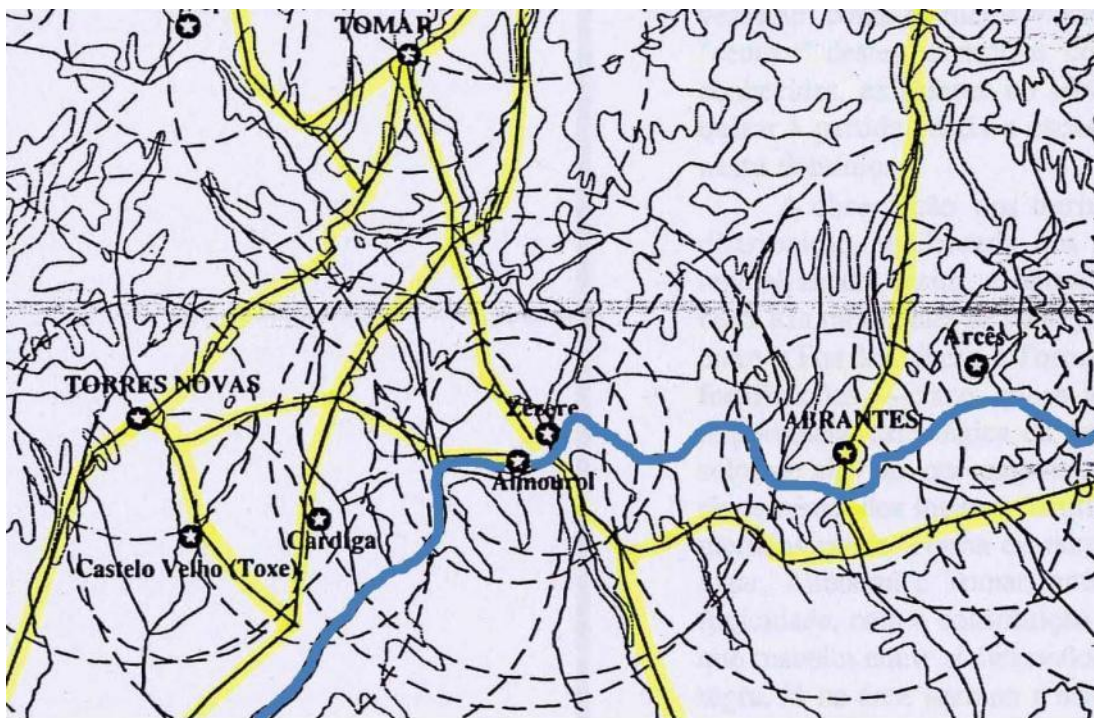


Figura 2
A dinâmica territorial do Médio Tejo nos tempos da Reconquista com a indicação dos lugares fortificados e principais vias medievais [a amarelo].
Fonte: CONDE, Manuel S. Alves – *Uma Paisagem Humanizada: O Médio Tejo nos Finais da Idade Média*. Cascais: Patrimonia Historica, 2000. Vol.1, p.62.

Ora, se o suporte geográfico, na sua componente física, potencializa a forma urbana⁹⁵, temos as características físicas do território a definirem as características da paisagem e a fornecerem pistas para o entendimento das razões da ocupação humana de uma determinada região, independentemente da sua dimensão. Deste modo, a implantação de um determinado núcleo, quer seja urbano ou rural, faz-se atendendo aos recursos do território, ou seja, tendo em conta as potencialidades que pode oferecer para a vida diária dos seus ocupantes.

A imagem da fortificação torrejana, colocada num ponto destacado, junto da circunvalação natural desenhada pelo rio Almonda, ficando-lhe contígua a primitiva vila, outrora cingida por muros, denuncia claramente que a escolha do local de ocupação pelos primeiros habitantes torrejanos se terá prendido sobretudo com razões defensivas. Se tomarmos a relação com o passado atrás mencionada, nomeadamente, os tempos de Reconquista, esta teoria é reforçada. As condições do terreno assim o ditam. A passagem de um curso de água, a boa defesa dessa passagem, assim como a boa adaptação às condições naturais por parte dos ocupantes terão proporcionado a fixação de população ao longo dos séculos. Torres Novas surge num local alcantilado⁹⁶, próximo a um rio que lhe serve de fosso natural ao mesmo tempo que oferece facilidade no abastecimento de água, dominando um território potencialmente eficaz na obtenção de matérias-primas, não só com fins alimentares, mas também construtivos, tal como revelam as suas características biofísicas [Quadro 1].

Quadro 1

Caracterização biofísica genérica

Hidrologia	<ul style="list-style-type: none">▪ Território recortado por uma densa rede fluvial, constituída pelos afluentes do Tejo, e pela rede hidrográfica do rio Almonda▪ O rio Almonda apresenta um desnível ao atravessar a cidade com cotas entre os 35-45 metros que vão diminuindo em direcção ao Oeste
Fisiografia	<ul style="list-style-type: none">▪ Relevo suave▪ Rede hidrográfica muito ramificada em vales profundos e estreitos, e encostas declivosas que, combinada com questões climáticas, favorece a abundância de zonas onde domina o olival, a vinha, o figueiral
Solos Fig. 3 ⁹⁷	<ul style="list-style-type: none">▪ Junto ao núcleo urbano existência de Fluvissois – depósitos fluviais – que tornam estes solos, de grande espessura e muito férteis, capazes de alimentar o centro urbano
Clima	<ul style="list-style-type: none">▪ Microclima característico devido à proximidade da Serra D’Aire e CandeeirosDurante o Inverno: Baixa do teor de humidade/ Baixa de temperaturaDurante o Verão: Ar muito seco/ Elevação da temperatura

⁹⁵ LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Colecção «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas». 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 63

⁹⁶ Mais concretamente a 64 metros de altura, em relação ao nível do mar.

⁹⁷ Cf. *Atlas do Ambiente*.

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Precipitação anual: 600-800mm ▪ Insolação – N.º anual de horas de exposição directa ao sol: 2400-2700 horas
Geológica Fig. 4 ⁹⁸	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Predomínio na região de areias, grés e calcário – o que origina terrenos argilo-arenosos ou argilo-calcários entremeados com solos arenosos ▪ Existência de jazidas de tufo calcário [rocha de porosidade elevada e de fraca densidade], inclusivamente próximas ao núcleo urbano [veja-se o topónimo <i>Tufeira</i>]

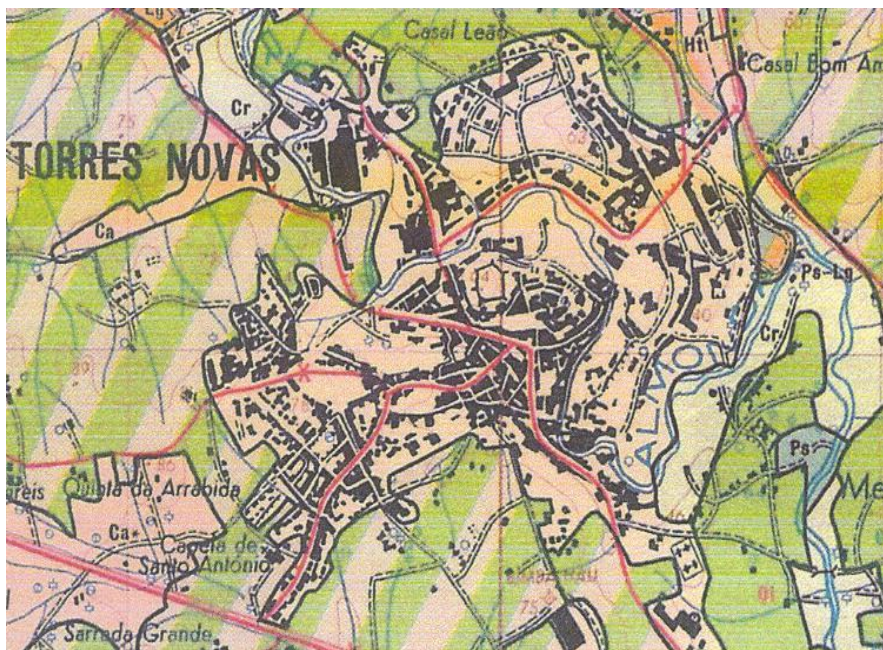


Figura 3
Carta de Solos
Ca – Culturas arvenses de sequeiro
Cr – Culturas arvenses de regadio
Ht – Culturas hortícolas de regadio
Lg – Laranjeira
Ps – Pessegueiro
Fonte: *Atlas do Ambiente*.
Escala 1/ 1 000 000



Figura 4
Carta Geológica
MSA – Calcários de Santarém e Almoester
a - Aluviões
QAA – Tufos calcários dos Rios Alviela e Almonda
Fonte: *Carta Geológica de Portugal*. Escala de 1/ 50 000.

Sobre o tecido urbano actual de Torres Novas, importa apontar que o seu perímetro urbano vai muito além do que se convencionou chamar de *centro histórico*, vindo a crescer

⁹⁸ Cf. ZBYSZEWSKI, G., MANUPELLA, G. e FERREIRA, O. da Veiga – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 27-C. Torres Novas*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal 1971.

exponencialmente nas últimas duas décadas, em muito devido ao aparecimento de novas centralidades surgidas a partir dos finais do século XIX em redor desse núcleo primitivo, as quais se têm vindo a consolidar, num passado recente.

Ao observar a Folha 329 da Carta Militar de Portugal [Serviços Cartográficos do Exército], datada de 1969, e por comparação com imagens disponibilizadas na web pelo Google Earth, decorrentes de registos de fotografia de satélite ocorridos em 2006, verifica-se a consolidação do tecido urbano nas áreas periféricas, nomeadamente, a N e NO da margem esquerda do Almonda e a O, SO e S do tecido antigo da primitiva vila torrejana. [Figs.5 e 6] Na origem das novas centralidades pontencializadoras da expansão do tecido urbano torrejano esteve um conjunto de realizações urbanísticas que sistematizamos no Quadro 2, as quais podem ajudar a explicar parcialmente a origem da paulatina desvitalização do centro histórico.

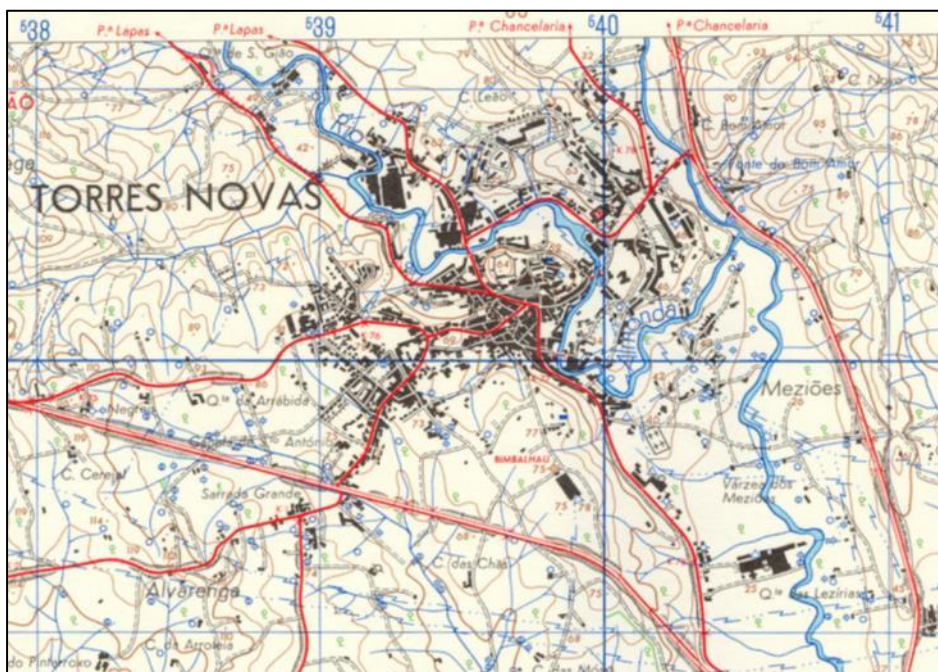


Figura 5
O perímetro urbano de Torres Novas na Carta Militar de Portugal
Folha 329 - Escala 1:25000
Serviço Cartográfico do Exército - 1969

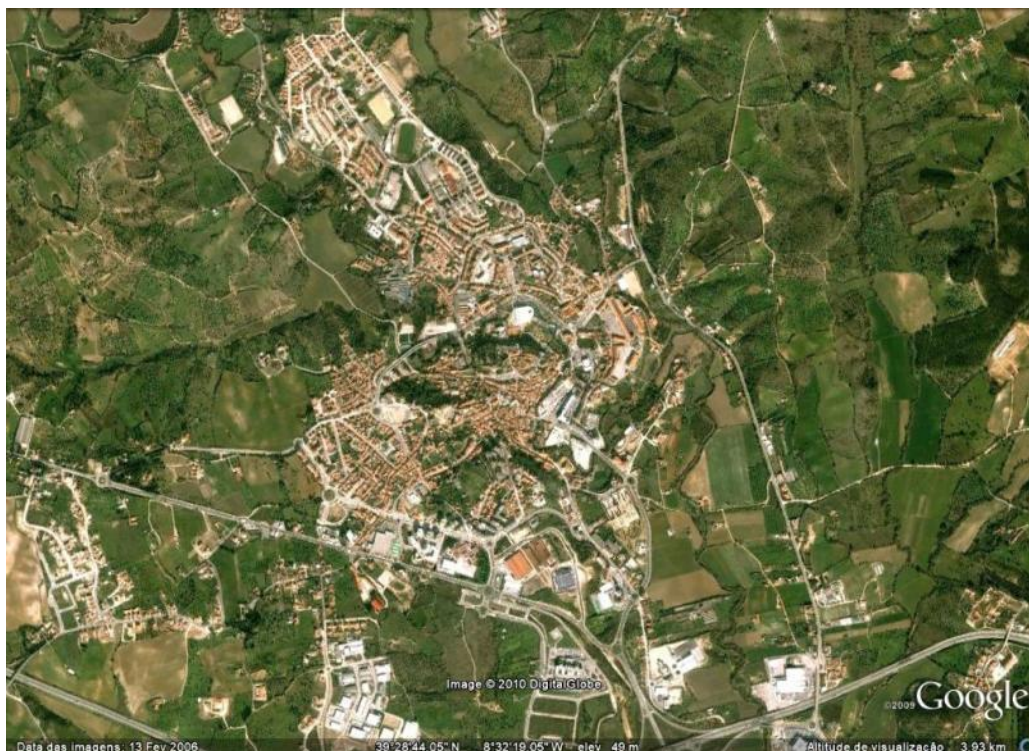


Figura 6
O perímetro urbano de Torres Novas na fotografia aérea disponibilizada pelo Google Earth 2006

Quadro 2

Realizações urbanísticas ou de edificado

potencializadoras de dinâmicas periféricas ao tecido antigo de Torres Novas

Meados Séc. XIX/ Início Séc. XX	Fábrica de Fiação e Tecidos	Zona de periferia, a NO do tecido antigo, na margem esquerda do Almonda
	Escola Conde Ferreira	Limite SO do tecido antigo - Quinchoso
	Escola Prática de Cavalaria	No limite E do centro histórico
	Metalúrgica Nery	Limite NO do tecido antigo, margem esquerda do Almonda
Anos 30-50	Avenida Dr. João M. Azevedo: _ Jardim da Avenida; _ Colégio Andrade Corvo; _ Estação dos Correios	Limite N do tecido antigo, na margem esquerda do Almonda [desde a Ponte do Raro à Ponte da Levada]
	Colégio de Santa Maria	Zona de periferia, a O-SO do tecido antigo, em redor do antigo Convento de Santo António
	Urbanização do Bairro de Santo António	
	Urbanização do Bairro de São Domingos	
	Construção do novo cemitério, transferido do castelo	A S do tecido urbano antigo
	Edifício do Caldeirão – Central Eléctrica	Limite E do tecido antigo, margem esquerda do Almonda
	Campo de Jogos do Almonda Parque	A S do tecido urbano antigo
Anos 50-60	Escola Primária Visconde de São Gião	Zona de periferia, a NO-N-NE do tecido antigo, entre as primitivas vias de ligação a Lapas e Tomar [que partiam da ponte do Raro e da Levada]
	Escola Industrial e Comercial	Desenvolvimento urbano a partir do eixo perpendicular aberto a meio da actual Avenida 25 de Abril
	Grémio da Lavoura	
	Novo edifício do Teatro Virgínia	Limite E do tecido antigo, margem esquerda do Almonda
	Urbanização das Tufeiras _ Jardim Escola João de Deus	Zona de periferia, na margem esquerda do Almonda, a NE do tecido antigo
	Urbanização do Babalhau	Zona de periferia, a O-SO do tecido antigo
	Estádio Municipal	Zona de periferia, a NO-N do tecido antigo

Anos 70	Piscinas Municipais	Limite N do tecido antigo, margem direita do Almonda
	Novo Tribunal da comarca de Torres novas	Zona de periferia, a N do tecido antigo
	Pavilhão Gimno-desportivo junto ao estádio	
Anos 80	Escola Preparatória Manuel de Figueiredo	Zona de periferia, a NO do tecido antigo
	Novo Quartel dos Bombeiros	Limite E do tecido antigo
	Urbanização da Quinta da Silvã	
	Alargamentos de vias rodoviárias _ Avenida Manuel de Figueiredo _ Avenida de Sá Carneiro	Zona de periferia, a NO do tecido antigo
	Urbanização <i>Barobra</i>	
	Escola Secundária Artur Gonçalves	Zona de periferia, a O-SO-S do tecido antigo
Anos 90	Urbanização da zona do Nogueiral _ Nova central de camionagem _ Edifício <i>Almonda Parque</i> – função comercial/habitacional	
	Novo centro de saúde	Zona de periferia, a NO-N do tecido antigo
	Nova Repartição de Finanças	
	Construção do IP6 [actual A23]	Zona de periferia, a S do tecido antigo
	Edifício <i>Açude Real</i> – função comercial/habitacional	Limite E do tecido antigo, margem esquerda do Almonda
	Primeiros hipermercados no perímetro urbano	
	Alargamentos de vias rodoviárias _ Avenida de Sá Carneiro	Zona de periferia, a O-SO-S do tecido antigo
	Novo Hospital, conseqüente encerramento do antigo edifício situado junto à igreja do Carmo	
	Novo Edifício da Escola Profissional de Torres Novas	
Séc. XXI	Alargamentos de vias rodoviárias _ Av. Andrade Corvo _ Avenida 8 de Julho	Zona de periferia, a O-SO-S do tecido antigo
	Construção da Via Circular Interior que ligou a Av. João M. Azevedo ao Rossio de São Sebastião	Limite O do tecido antigo, na margem esquerda do Almonda
	Arranjo das margens do Almonda <i>Jardim das Rosas</i>	Limite N do tecido antigo, na margem direita do Almonda
	Palácio dos Desportos	
	Novo Mercado Municipal	Zona de periferia, a O-SO-S do tecido antigo
	Centro comercial <i>Torreshopping</i>	
	Novas Piscinas Municipais	Limite N do tecido antigo, na margem direita do Almonda
	Retail Park	Zona de periferia, a S do tecido antigo
	Nova Biblioteca Municipal	Limite N do tecido antigo, na margem direita do Almonda

Como momento embrionário da expansão urbana de Torres Novas podemos considerar o seu primeiro período de Industrialização, ocorrido entre 1864 e 1911, onde a par da indústria vocacionada para o mercado local vigorou a grande indústria dedicada aos sectores têxtil, metalúrgico e ainda aos curtumes e ao papel. Nesse espaço de tempo a população do concelho aumentaria cerca de 78%, notando-se uma substancial explosão demográfica junto à viragem do século.⁹⁹ A vila torrejana concentraria a maioria da actividade industrial, a par da continuidade da actividade agrícola no restante território do concelho, passando de vila rural a vila industrial. Por consequência, surgiriam novas dinâmicas urbanas na vila, constituindo um sinal exemplificativo dessas alterações a perda de protagonismo da *praça-de-jorna*¹⁰⁰ no fervilhar da vila.

⁹⁹ A população do concelho aumentou de 23 282 para 41 432 habitantes entre 1864 e 1911. Os censos de 1890 apuraram 30 041 habitantes, estando activos 2081 indivíduos na indústria, no comércio 519 e na agricultura 7535. Cf. ROCHA, Francisco Canais – *Para a História do movimento Operário em Torres Novas. Durante a Monarquia e a I República (1862/1926)*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2009. p. 20.

¹⁰⁰ Local onde semanalmente os trabalhadores rurais ofereciam o seu trabalho à *jorna*. No caso torrejano acontecia no Largo do Paço para os trabalhadores do concelho e no Rossio do Carmo para trabalhadores sazonais oriundos

Algumas notícias recolhidas nos jornais locais, entre 1910 a 1924, revelam conteúdos substancialmente ricos para a percepção de alguns momentos exemplificativos do ritmo de criação das novas periferias da vila. As descrições desses semanários acusam o prolongamento do que acontecera na segunda metade do século anterior: as alterações reportam-se sobretudo a demolições e a novas edificações pontuais de edifícios e pequenos aglomerados de casas, na continuidade do processo de destituição da imagem medieval da vila, da qual as demolições dos arcos da cerca no século anterior e as obras na *Praça dos Paços do Concelho* - iniciadas em 30 de Março de 1909 com o objectivo principal de regularizar aquele espaço, sendo demolidos os velhos *Paços do Concelho*, bem como o pano de muralha da cerca ao qual se encostavam - são sinal emblemático da ortodoxia do desejo de uma imagem moderna da vila.¹⁰¹

Em 1910 uma notícia no *Jornal Torrejano* de 20 de Outubro alerta para a necessidade da existência de uma *Planta da Villa* «para por ella [...] nas suas novas construções, se possa ir aperfeiçoando estheticamente», para além disso, refere-se a construção do *Bairro de Santo António* [junto ao Convento de Santo António] como um mau exemplo de intervenção, não só pela sua incorrecta implantação no terreno, mas também pela fraca qualidade dos materiais de construção empregues; mencionam-se também intervenções na *Rua da Levada*, na *Estrada de Santiago* e na *Rua dos Sabugueiros*. [ver Fig.7] Onze anos depois, no jornal *O Almonda* reforça-se a urgência na elaboração da *Planta da Villa* «para em harmonia com essa planta se construírem novos edifícios e obrigar a um alinhamento certo os que precisarem de modificação», mencionando-se nesse contexto o *Bairro de Santo António* como «a maior calinada dos últimos vinte anos» [ver Fig.8], aparecendo também referências à falta de higiene generalizada que atinge as ruas e o rio. [ver Fig.9]

Data de 1924 o derradeiro projecto que viria a alterar o espaço envolvente da vila, abrindo caminho para o seu desenvolvimento a Norte [para além do morro do castelo]. Uma notícia relata o desenvolvimento deste projecto que consiste na construção de uma nova avenida marginal ao rio Almonda, rasgada desde o Rossio do Carmo à Ponte do Ral, documento que inclui uma curiosa carta escrita pelo pintor Carlos Reis dando o seu parecer sobre os projectos para as casas a construir naquela avenida, saídos da mão do arquitecto Henrique de Campos.¹⁰²

das regiões das Beiras que vinham para as apanhas do figo e da azeitona. Cf. ROCHA, Francisco Canais – *Ob. Cit.*, pp.27-28.

¹⁰¹ GONÇALVES, Artur – *Torres Novas: Subsídios para a sua História*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1935. p. 41; ROCHA, Francisco Canais – *Ob. Cit.*, p.29.

¹⁰² Publicada no *Jornal O Almonda* [Ano V, N.º258, p.1] de 28 de Junho de 1924. O artigo intitula-se *Estética Torrejana* e contém a opinião do pintor naturalista sobre a construção da nova avenida marginal, incluindo a transcrição de uma carta redigida por Carlos Reis sobre o assunto e endereçada a Pedro Gorjão Maia Salazar. No

A resposta aos anseios da população sobre um plano de urbanização da vila surgiria na década de 50: em 20 de Janeiro de 1950 é entregue na câmara um plano de urbanização desenhado pelo arquitecto António José de Brito e Cunha, com *atelier* em Lisboa¹⁰³, desenhando-se nesse plano os novos pólos urbanos que constituiriam anos mais tarde a cidade expandida de Torres Novas: *Tufeiras, Nogueiral, Babalhau*, a continuação de *Santo António e Arrábida* e *São Domingos*. Seria este um passo determinante para que se extravasassem os limites da vila, cujo processo de consolidação do tecido urbano parecia ter terminado no século XVIII. Este plano viria a servir de referência [funcionando quase como um instrumento de base] para posteriores projectos urbanos realizados em Torres Novas.

Figura 7

Notícia do *Jornal Torrejano* na sua edição de 20 de Outubro de 1910

AHMTN – Fundo de periódicos



número seguinte, de 5 de Julho de 1924, uma nota dá conta da reacção à carta do pintor publicada no número anterior referindo-se que «causou a melhor impressão e foi sem dúvida o melhor incentivo à Câmara Municipal[...]».

¹⁰³ Existem várias informações sobre o desenvolvimento deste projecto nos *Livros de Actas da Vereação* existentes no AHMTN a saber-se: Livro 259 – Sessão Ordinária de 15 de Junho de 1948, Sessão Ordinária de 7 de Setembro de 1948, Reunião Ordinária de 11 de Janeiro de 1949, Reunião Ordinária de 2 de Março de 1949; Livro 260 – Reunião Ordinária de 27 de Setembro de 1949, Reunião Ordinária de 8 de Novembro de 1949, Reunião Ordinária de 6 de Dezembro de 1949, Reunião Ordinária de 2 de Fevereiro de 1950, Reunião Ordinária de 7 de Fevereiro de 1950, Reunião Ordinária de 14 de Março de 1950, Reunião Ordinária de 4 de Abril de 1950, Reunião Ordinária de 10 de Abril de 1950, Reunião Ordinária de 23 de Maio de 1950, Reunião Ordinária de 30 de Maio de 1950.



Figura 8
Notícia do Jornal *O Almonda* na sua edição de 24 de Abril de 1921
AHMTN – Fundo de periódicos



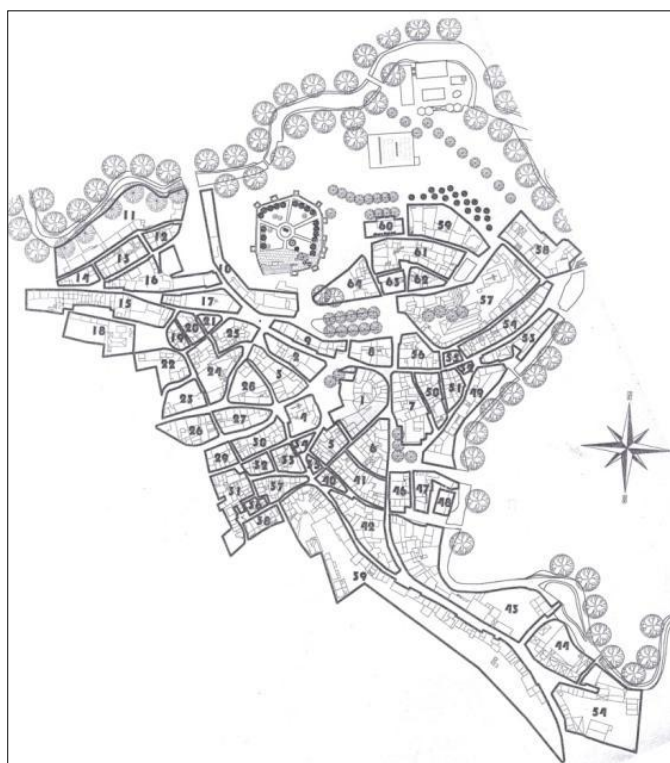
Figura 9
Notícia do Jornal *O Almonda* na sua edição de 21 de Agosto de 1921
AHMTN – Fundo de periódicos

Como segunda parte do processo de expansão urbana de Torres Novas, consideramos a proximidade de duas importantes datas como o ponto de viragem de uma nova fase de

desenvolvimento. São elas a elevação de TN a cidade a 8 de Julho de 1985 e a entrada de Portugal na Comunidade Europeia a 1 de Janeiro de 1986. Na realidade, estes dois factos viriam acelerar o desenvolvimento da expansão urbana de Torres Novas, potencializando o incremento económico necessário para fazer as reformas necessárias na cidade e relançá-la à escala regional e nacional. Várias infra-estruturas em prol dos principais direitos sociais [saúde, educação, habitação...] foram renovadas e até implantadas de raiz na cidade.

Como um dos mais visíveis efeitos da adesão de Portugal à Comunidade Europeia, está a construção na década de 90 do eixo rodoviário do Itinerário Principal 6 [actual A23], que faz a ligação do litoral ao interior do país via A1, e consequentemente a Espanha. Esta importante via rodoviária potenciou em muito o desenvolvimento de Torres Novas, atraindo empresas que aproveitaram a posição estratégica da cidade – pela sua posição central no território nacional e junto a um importante nó rodoviário – como interposto comercial e industrial. Por esta via, presentemente a expansão urbana ocorre na periferia da cidade e junto aos pontos próximos dos nós com a A23 – a Sul e a Oeste – onde se desenvolve uma rede comercial e industrial multipolarizada onde assumem protagonismo vários hipermercados, um centro comercial, um *retail park* e várias indústrias de média dimensão.

Por oposição ao carácter comercial/industrial da última área descrita, surgiu também nas últimas décadas o crescimento urbano pelo aumento do *parque* habitacional na parte Norte da cidade, com o amplo desenvolvimento da urbanização da Silvã em direcção ao lugar de Lapas,



situação que conduziu a que na última revisão do PDM fosse adicionada às quatro freguesias urbanas primitivas de Torres Novas parte do território das freguesias de Lapas e Riachos. [Fig.12]

Figura 10
Planta da área de intervenção do Gabinete Técnico Local, gentilmente cedida pelo Departamento de Administração Urbanística do Município de Torres Novas

Os últimos censos revelaram uma cidade com 12 156 habitantes, sendo que cerca de 10% vivia no *centro histórico*. Sobre esta parcela central do tecido urbano torrejano detectámos em 2004 duas visões distintas no organismo autárquico, correspondentes ao Departamento de Administração Urbanística [DAU] e à Divisão de Desenvolvimento Económico e Social [DDES], que apresentamos nas Figuras 10 e 11, respectivamente. A situação causou-nos estranheza visto ser esta a instituição com maior e mais sério impacto sobre a gestão do centro histórico, esperando-se de ambos os serviços municipais um papel activo no esforço pelo restauro urbano integrado daquele núcleo. De facto, as áreas indicadas eram consideravelmente diferentes na sua dimensão. Enquanto a planta integrada no *Roteiro* [2003] distribuído pelo Gabinete de Turismo do DDES considerava apenas a zona correspondente à cerca medieval, a planta do Gabinete Técnico Local, que trabalhou sobre alçada do DAU para os centros históricos de Torres Novas e Lapas, abrangia não só esse espaço, como todos os quarteirões correspondentes à ocupação humana consolidada até aos finais do século XVIII.

Quer-nos parecer um infeliz equívoco a perspectiva divulgada pelo DDES, muito redutora por apenas se conter nos limites da antiga cerca medieval, a qual inclusivamente se contradiz ao incluir nesse mesmo *Roteiro* o destaque para alguns monumentos de reconhecido interesse arquitectónico e artístico que constituem, eles próprios, verdadeiras âncoras do primitivo tecido urbano da antiga vila torrejana, função operada desde o século XIII, como veremos seguidamente.

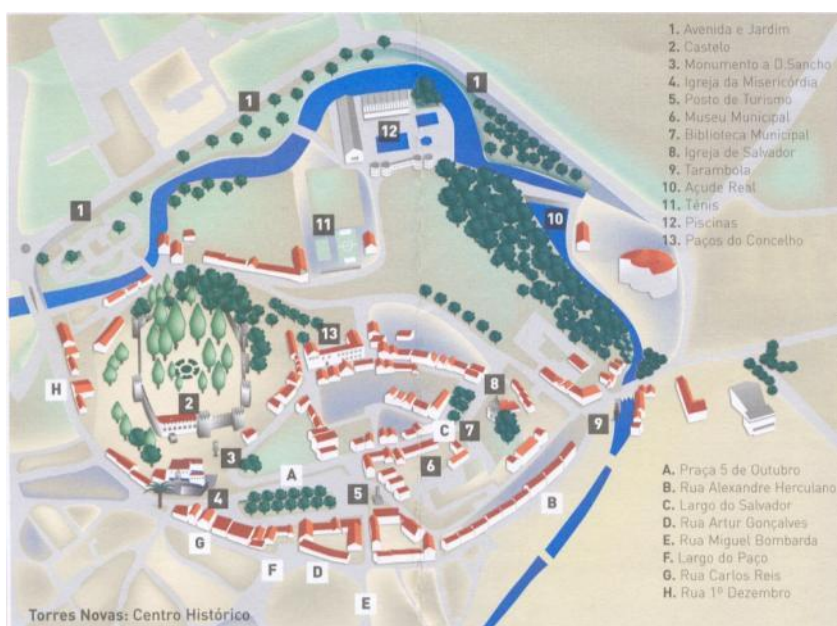


Figura 11
O centro histórico
no *Roteiro* de Torres Novas
distribuído pelo Posto de Turismo
do Município de Torres Novas,
2003

Consideramos acertada a delimitação definida pelo GTL/DAU, limitando a área do centro histórico a N-E-S pelo curso sinuoso do rio Almonda e a O pelo perímetro da ocupação primitiva da vila cristalizada no Século XVIII, com o Largo de Santo André no seu extremo SO, seguindo-se os bairros de Valverde, Santiago, Anjos, Quinchoso, São Pedro, terminado na margem direita do Almonda, junto a Rio Frio. Revela o entendimento da evolução morfológica da vila torrejana, acusa o respeito pela herança patrimonial que reside naquela parcela do tecido urbano da cidade e entende o percurso evolutivo de Torres Novas, núcleo urbano construído e condicionado por uma diversidade de momentos históricos que lhe conferiram uma imagem única, determinando-lhe a sua identidade.

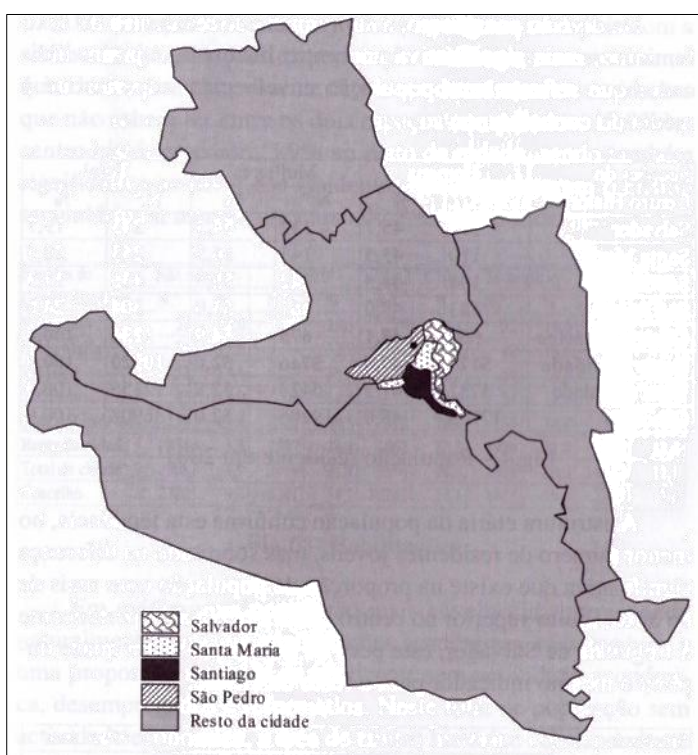


Figura 12

O centro histórico na área do perímetro urbano da cidade de Torres Novas

Fonte: SIMÕES, Jorge Salgado – Donut Urbano ou a dialética da cidade com o seu centro histórico. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. N.º18 (2006). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p. 145.

. Qual o seu percurso de vida? – Biografia da cidade contada pelo tecido urbano

Como acabámos de verificar a partir da imagem da cidade é possível traçar linhas evolutivas, dado que elas mesmas reflectem o percurso que o tempo imprime na sua forma urbana. É esse o princípio que põe a cidade a falar de si, que a faz contar as vicissitudes do seu desenvolvimento, revelando-nos o seu percurso de vida.

Numa leitura formal, recursos como a fotografia e o material cartográfico são imprescindíveis e de grande utilidade para o estudo da cidade, não fossem eles instrumentos por excelência da análise da Morfologia Urbana. Para o estudo de caso que presentemente aqui apresentamos revelaram-se também fundamentais para a leitura do objecto de estudo em

questão um conjunto diversificado de fontes para história local que nos permitiram construir sobre bases científicas a perspectiva sobre a evolução urbana de Torres Novas que revelaremos de imediato.¹⁰⁴

Várias teorias emergem sobre as primitivas origens da ocupação humana de Torres Novas, muitas delas tendo como referências os escritos que fazem a apologia do *antigo*, reflectindo o natural desejo em fazer recuar as origens às mais remotas ancestralidades, referindo as passagens de Gregos [*Neuperagama*], Cartagineses [*Kaispergama*] e Romanos [*Nova Augusta*] por estas paragens. Factos que até à data nunca vieram a ter confirmação material na área onde se ergue hoje a cidade de Torres Novas. Desconhecem-se portanto, os fundamentos das referências à *antiguidade* de Torres Novas presentes no texto da entrada de Torres Novas na *Corografia Portuguesa* [1712]¹⁰⁵ de António Carvalho da Costa, e perpetuadas em obras como a *História de Santarém Edificada* [1740]¹⁰⁶ de Inácio Piedade Vasconcelos, as *Memórias da vila de Torres Novas* [1740] de Francisco Xavier de Arez Vasconcelos, as *Memórias para a história da vila de Torres Novas* [1745-1746]¹⁰⁷ de Luiz Montez Mattoso, as memórias do *Dicionário Geográfico de Portugal* [1758] ou até em *Portugal Antigo e Moderno*¹⁰⁸ [1886].¹⁰⁹

Campanhas de trabalhos arqueológicos realizadas ao longo dos anos por todo o concelho têm revelado níveis de ocupação desde a Pré-História à Romanização¹¹⁰, no entanto, na área

¹⁰⁴ Citando algumas delas: *Foral de 1190*; Tombos das confrarias medievais de Torres Novas [1502-1515] fontes publicadas pelo município [COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES DO VIII CENTENÁRIO DO FORAL DE TORRES NOVAS – *Foral de Torres Novas*, 1190. Torres Novas: CMTN, 1990; LOPES, Leonor Damas; TRINDADE, Margarida Teodora – *Confrarias Medievais da Região de Torres Novas. Os bens e os compromissos*. Torres Novas: CMTN, 2001]; as Visitas Paroquiais para os séculos XVII e XVIII] também publicadas [PEREIRA, Isaias da Rosa – *Visitas Paroquiais na Região de Torres Novas* (Séculos XVII-XVIII). Torres Novas: Serviços Culturais da CMTN, 1992]; as Memórias Paroquiais de 1758 publicadas para a quase totalidade das freguesias do concelho [LOPES, João Carlos – *Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII*. Torres Novas: Ámago da Questão, 1998] com excepção de Santiago, Salvador e São Pedro, pelo que procedemos à sua consulta em <http://ttonline.dgarq.gov.pt>; Livros de Actas da Vereação [para finais do Século XIX e inícios do Século XX]; jornais locais [para inícios do Século XX] - *Jornal Torrejano* e jornal *O Almonda*; fundo fotográfico do AHMTN.

¹⁰⁵ COSTA, P. António Carvalho – *Corografia portuguesa e descriçam topográfica do famoso reyno de Portugal*. 2.^a Edição. Braga: Typografia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869.

¹⁰⁶ VASCONCELOS, Padre Inácio da Piedade e – *História de Santarém Edificada*. Volume II. Lisboa: 1740.

¹⁰⁷ Publicadas pelo município: TEIXEIRA, Maria Elvira Marques [apresentação e notas] – *Memórias para a história da vila de Torres Novas [1745-1746]*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2009.

¹⁰⁸ PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso e irmão, 1886. Volume 9. pp. 619-630.

¹⁰⁹ Vd. LOPES, João Carlos – *Ob. Cit.*, pp.117-135.

¹¹⁰ Há que destacar as estações arqueológicas da *Gruta do Almonda* e da *Villa Cardílio* [respectivamente] que assumiram destaque no panorama nacional. Vd. *Nova Augusta - Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, N.º 11-Especial Arqueologia (1999).

correspondente ao tecido antigo da cidade os testemunhos de ocupação mais recuados não vão além da Alta Idade-Média, sendo ainda assim pouco expressivos¹¹¹.

Datam do século VIII os primórdios da ocupação muçulmana em Portugal; ocorrendo, a partir daí, uma sobreposição do sistema administrativo muçulmano sobre a organização romana vigente até então, delimitada territorialmente por um vínculo eclesiástico. Neste contexto, a região médio-tagana ficou polarizada em torno da *kura*¹¹² de *Shantarin*, não existindo para os tempos anteriores às invasões almóadas de 1184-1190 qualquer referência explícita ao povoamento do local onde mais tarde se viria a erguer a vila torrejana.¹¹³ Só com o relato de Ibn Khaldoun, cronista das invasões almóadas do período atrás mencionado, surge *Hisn Torrech*¹¹⁴ como topónimo associado directamente a Torres Novas. Apesar do que se constata para a cultura material, na toponímia do território torrejano é evidente a influência árabe [p.e. *Almonda*, *Alvorão*, *Alcorriol*, *Alqueidão*, *Alcoroche*], assim como as reminiscências da sua cultura presentes em alguns aspectos etnográficos [principalmente associados à tecnologia hidráulica ao serviço do trabalho agrícola, sendo abundante na região a existência de noras – estando a *tarambola* como uma versão a uma maior escala –, azenhas, picotas].

A estabilidade da ocupação árabe, mantida nos mais de quatro séculos que se apresentam nebulosos sobre o povoamento de Torres Novas, viria a terminar com a reorganização cristã, instalando-se nesta área um clima de insegurança generalizado. A situação é agravada com a instabilidade política no seio da facção muçulmana, despoletada com o desmembramento do califado, e em 1064, o exército cristão de Fernando I atingiria a linha do Mondego. A intolerância religiosa acentua-se e instala o caos nas comunidades dispersas pela península, em especial naquelas situadas na fronteira que dividia cristãos e muçulmanos. Iniciava-se assim um período duro para as populações, predominado pelos avanços e recuos quer dos regimentos cristãos, quer muçulmanos.

No território que viria ser o Reino de Portugal, *Shantarin* e *Al-Ushbuna* apresentavam-se como os mais forte bastiões da linha do Tejo – seriam, pois, estes os principais alvos da

¹¹¹ Um fragmento de um elemento arquitectónico com decoração visigótica de carácter vegetalista terá sido recolhido no castelo e integra hoje a colecção do Museu Municipal Carlos Reis [N.º Inv. 3489]. Vd. MUSEU MUNICIPAL CARLOS REIS – *Turres. Núcleo permanente de história do concelho*. s.l.: s.n., s.d. De acordo com a publicação de resultados da escavação arqueológica realizada em 2000 nos números 1 e 3 da Rua Tenente Valadim [antiga Rua do Gaiteiro], os materiais recolhidos mais antigos são cerâmicas «que parecem ser de filiação ou tradição islâmica.» Cf. LOURENÇO, Sandra – A Ocupação Medieval na Rua Tenente Valadim, n.os 1 e 3 [Torres Novas]. In *Revista Nova Augusta*. N.º 14. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2002, p.134-135.

¹¹² O equivalente a distrito. De *kuwar*.

¹¹³ O mesmo se passa com Tomar, para a qual escasseiam vestígios materiais de uma hipotética ocupação árabe.

¹¹⁴ Cf. CARREIRA, Carlos – Um passado islâmico em Torres Novas (contributos para o seu estudo). *Nova Augusta – Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º18 (2006). p.90.

estratégia de D. Afonso Henriques, que aproveitando o enfraquecimento almorávida, deixou o Condado Portucalense para estender o seu território a Sul. Depois de Coimbra, iniciou as investidas em direcção ao Tejo, precavendo-se com concessões de cartas de foral às povoações mais importantes do ponto de vista estratégico, e, com uma postura ofensiva astuta que consistia em debilitar, a partir de uma zona fora do domínio efectivo dos grandes baluartes defensivos muçulmanos, os circuitos de abastecimento dos pontos fortificados integrantes do sistema defensivo da cidade-alvo. Desta maneira conseguiria, a partir da construção do castelo de Leiria, alcançar as povoações muçulmanas para além da Serra d’Aire, atingindo Santarém em 1147.

Voltando à origem do povoamento do sítio onde se viria a erguer a vila torrejana [Fig.13], consideramos a proposta de Manuel Alves Conde como a mais plausível por considerar a dinâmica territorial em curso na época, comprovada documentalmente pelos dados referentes à construção do Castelo de Tomar, ca.1160, e no Testamento de Afonso Henriques, de Fevereiro de 1179, o qual refere a doação de mil morabitinos aos pobres de *Sanctaren, Aulantes, Tomar, Turres Novas, Ouren, Leirena e Palumbar*.¹¹⁵ O autor coloca hipoteticamente o estabelecimento da vila torrejana dentro desse intervalo temporal¹¹⁶, perspectiva que vai ao encontro da anterior proposta de Maria Helena da Cruz Coelho que considera a reconquista de Santarém em 1147 e as consequentes dinâmicas territoriais, olhando Torres Novas como unidade político-militar surgida por relação com a atalaia da Torre de Toxe.¹¹⁷ [Fig.2]

¹¹⁵ Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz – *Ob. Cit.*, p.7.

¹¹⁶ Cf. CONDE, Manuel S. Alves – *Ob.Cit.*. Vol.1, p.76.

¹¹⁷ Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz – *Ob.Cit.* p.7.

Quadro 3

Principais marcos cronológicos

relativos à situação de Torres Novas durante o período da Reconquista ¹¹⁸

1147	Reconquista de Santarém por Afonso Henriques
1160	Arranque da construção do castelo de Tomar
1179	<i>Turres Novas</i> é citada no <i>Testamento de D. Afonso Henriques</i> Após esta data, as incursões almóadas aumentam de intensidade:
1184	[Povoações da linha fronteira do Tejo sob a forte ameaça almóada]
1186	D. Sancho I derrota as forças árabes em Santarém A fortaleza torrejana é retomada
1190	Torres Novas volta a sofrer ataques almóadas Tomada do <i>Hisn Torresh</i> pelos árabes, segundo <i>Ibn Khaldoun</i> <i>Abu Yaqub al-Mansur</i> toma Torres Novas, por rendição do seu alcaide D. Sancho I derrota novamente as forças árabes: - é reconstruído o castelo - é-lhe atribuída a Carta de Foral

Esta situação de «território de fronteira» perduraria por mais um século. A principal preocupação dos cristãos seria a do reforço e consolidação do povoamento dos baluartes defensivos recém-adquiridos. Um vasto movimento migratório seria iniciado, de modo a consumir o domínio efectivo daquelas terras, dinamizando-as economicamente, estimulando a sua rentabilização. O potencial económico e estratégico [do ponto de vista militar] da região do Médio Tejo estaria comprometido se permanecesse demograficamente deprimida. A migração das populações cristãs, sobretudo vindas do norte, consolidaria a ocupação deste território nos séculos seguintes, mantendo o estatuto de área fundamental na rede defensiva do país.

Quanto ao protagonismo específico de Torres Novas, os conteúdos da Carta de Foral de Sancho I de 1190¹¹⁹ adivinham já alguns sinais denunciadores da estabilização da emergência do fenómeno urbano, podendo ser visto como símbolo do culminar do processo de ocupação daquele território. Neste importante documento a prescrição de regras para manutenção da ordem pública na vila e no concelho acusa perturbações sociais no seio da comunidade. Em inúmeros aspectos enumerados sobre questões judiciais transparece a defesa pelos valores da família, da casa ou propriedade e do concelho, estando ao mesmo tempo patente o peso do elemento patriarcal na célula familiar. A afirmação do poder do concelho, por meio da sua acção

¹¹⁸ Cf. MARQUES, A.H. Oliveira, SERRÃO, Joel [Direcção de] – «Portugal em Definição de Fronteiras. Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV». In *Nova História de Portugal*. Volume III. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

¹¹⁹ Documento publicado pelo município: COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES DO OITAVO CENTENÁRIO DO FORAL DE TORRES NOVAS – *Ob. Cit...*

ao nível da justiça local, está bem evidente nas advertências sobre punições públicas humilhantes a aplicar como castigo para alguns dos crimes praticados. Percebe-se o peso da agricultura pelas tributações aplicadas sobre a terra e meios de produção, e também a afirmação do comércio pela referência à fiscalização das medidas. A organização social seria constituída pela cavalaria-vilã, directamente associada à vocação bélica do núcleo torrejano, colocada no topo da hierarquia por contraposição aos escravos mouros privados, na sua condição de prisioneiros, da plena liberdade jurídica. A restante comunidade era formada por peões que emprendiam as obras e os encargos comuns, papel que constituía a base da vida da comunidade.¹²⁰

O vinco medieval de Torres Novas reconhece-se pela sua estrutura defensiva: o castelo, situado num ponto destacado – como não poderia deixar de ser –, com as suas muralhas e torres, e o que resta das muralhas da antiga cerca. As muralhas protegiam a vila das incursões inimigas, definiam o espaço urbano, delimitando-o do espaço rural e sacralizando-o de algum modo. A partir desse perímetro defensivo, e das respectivas portas definia-se a dialéctica do dentro e do fora, essencial à dinâmica urbana.

Coloca-se a hipótese da alcáçova torrejana ter sido reerguida no século XII, no contexto da Reconquista por consequência da hipotética ruína causada pela incursão almóada de 1184, perspectiva que automaticamente considera a origem da ocupação da vila em data ainda mais recuada. Apesar de todas as vicissitudes, o acastelamento parece manter a configuração do dispositivo militar correspondente ao restauro sanchino nas obras realizadas na Baixa Idade Média e até noutras empreendidas posteriormente.

Construída sobre penha viva, a fortificação foi murada de grossa cantaria, com as suas seteiras, vigias, adarve e alambor, abrindo-se para Sul, pelo arco das casas da Alcaidaria-Mor, em cotovelo franqueado por torres de protecção. Tinha dois postigos, um a Este, de acesso à cerca da vila, e outro a Norte, que a tradição identifica como a *porta da traição*, caindo quase a prumo sobre o fosso natural do rio Almonda. A Este cresceu a Almedina defendida pelos muros da cerca que tinha três portas – o *Arco de Santa Maria*, a Oeste, junto da Igreja de Santa Maria, o *Arco da Praça*, a Sul, junto da *Praça Nova*, e o *Arco do Salvador* ou *Arco da Luz* [acolhia uma imagem de Nossa Senhora Luz], a Este, junto da Igreja do Salvador – as quais seriam os pólos a partir dos quais se dinamizava a actividade da vila. Um postigo¹²¹ era aberto a N permitindo o acesso rápido ao rio, desembocando esse caminho no *Porto dos Surdos* – era esse o *Arco do*

¹²⁰ Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz –. *Ob. Cit.* pp.8-11. Documento publicado pelo município: COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES DO OITAVO CENTENÁRIO DO FORAL DE TORRES NOVAS – *Ob. Cit.*.

¹²¹ GONÇALVES, Artur – *Ob. Cit.*.

Vento, no qual, como seria previsto [simplesmente pela análise de algumas fotografias do antigas existentes no Arquivo Histórico Municipal], tropeçaram na sua estrutura de embasamento as obras de arranjo da envolvente do castelo realizadas recentemente. [Fig.14]

Relativamente à estrutura viária, o principal eixo de organização do tecido urbano do núcleo primitivo da vila era a *Rua Direita da Cerca* [actual Rua General António César de Vasconcelos Correia] – via central que unia as igrejas intramuros de Salvador e de Santa Maria, correspondente sensivelmente à linha de cumeeira do morro do acastelamento e que pelas portas de *Santa Maria* e da *Luz*, comunicavam com o restante território do termo, respectivamente, em direcção ao lugar de Lapas e outros existentes no sopé da serra, e na direcção a Tomar. A partir do *Arco da Luz* [virado a Nascente] ou do *Salvador*, partia a *Ladeira do Salvador* [também outros topónimos associados: *Calçada do Salvador*, *Calçada dos Mogos*, *Rua Direita do Salvador*], arruamento íngreme cuja cota mais baixa terminava junto ao *Arco da Praça*, a partir do qual se iniciava a estrada para Santarém. No sentido perpendicular a essa ladeira, com a qual faz ainda hoje esquina, estava a *Rua de Santa Maria* [nas traseiras da Igreja com o mesmo nome], a qual estabelecia a ligação entre a *Rua Direita da Cerca*, a uma cota mais alta, e o *Arco da Praça*, a uma cota mais baixa. De carácter secundário estavam a *Travessa da Cerca* [também com outros topónimos associados: *Travessa das Moucas* ou *Travessa das Parteiros*], ligando esta o *Largo do Salvador* à *Rua de Santa Maria*, numa linha paralela à da *Rua Direita da Cerca*, a qual é quebrada a meio pela *Travessa do Salvador* que a liga à *Ladeira do Salvador*. [Fig.14]

Apesar da existência do topónimo *Rua Direita*, o conjunto das vias intramuros apresentase plenamente ajustado aos acidentes topográficos do terreno, sendo portanto um traçado orgânico, e por isso mesmo, de pouca regularidade advinda do seu desenvolvimento espontâneo. Destacamos a carência de espaços abertos [constituindo o *Largo do Salvador* o exemplo único] e ainda a diferenciação entre a alcáçova que se afirma no topo do morro sobre penha viva e almedina, num plano inferior, alongando-se pela encosta, voltando-se a Sul, na direcção da zona chã circundada por colinas que num segundo momento do desenvolvimento urbano da vila torrejana viria a ser preenchida por casario.

Vemos portanto os edifícios civis e religiosos a assumirem um papel decisivo na dinâmica urbana da vila, constituindo eles mesmos os pontos definidores de percursos. O edifício civil com mais prestígio neste período é sem dúvida a alcáçova. Quanto aos edifícios de culto, a primeira construção religiosa parece ter sido a Igreja do Salvador, sendo a segunda paroquial a Igreja de Santa Maria, situada junto à Alcáçova. Relativamente às infra-estruturas que serviam esta

primitiva área urbana, temos a fonte a desempenhar um protagonismo urbano não desprezível [veja-se a *Fonte do Salvador*, que parece ter existido no largo com o mesmo nome] e as pontes extramuros da *Pedrinha* e do *Raal* que permitiam a travessia do rio

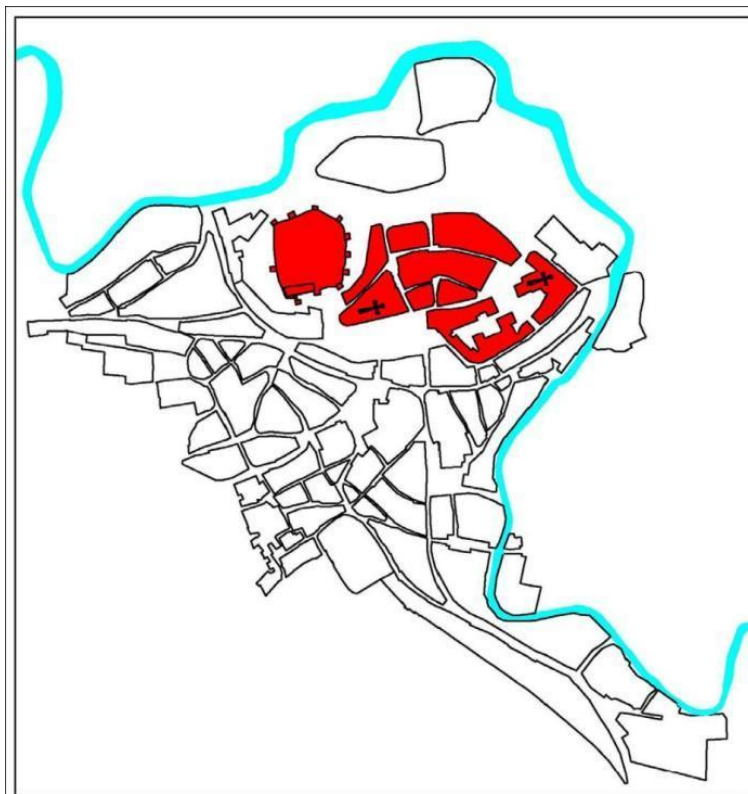


Fig. 13

A vila de Torres Novas no Século XII

O despontar do fenómeno urbano
Indicação do nível 0 de ocupação do burgo sobre o tecido urbano actualmente correspondente ao centro histórico torrejano

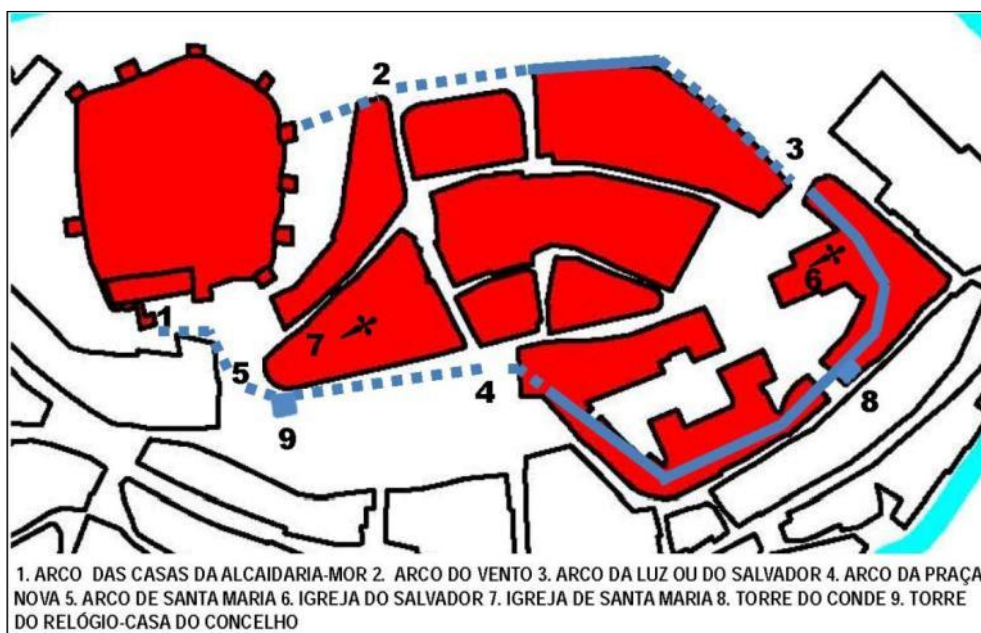


Fig. 14

A vila de Torres Novas no Século XII

Com a indicação do percurso da muralha da cerca, estando a cheio a linha corresponde às partes remanescentes

Em finais do século XIII a situação do burgo torrejano apresentaria sinais de uma vocação diferente da verificada no século anterior, afastando-se cada vez mais da índole militar/defensiva para se afirmar como vila comercial. Esta alteração foi factor pontencializador do desenvolvimento urbano da vila, agora mais dinâmica pela sua especialização numa economia de mercado.

Outra fonte existente para a história local torrejana na Idade Média, datada desta época, consiste no arrolamento em 125 itens dos *usos e costumes da vila*, parte dos quais se relacionam directamente com a actividade comercial.¹²² É referida a existência de dois almotacés, nomeados mensalmente pelos juízes e concelho, para o controle da actividade comercial, cabendo-lhes inspeccionar pesos e medidas, fixar o preço dos géneros e gerir o espaço urbano no que toca ao uso das suas vias, águas e edifícios - na fonte em causa vem referida a penalização aos que despejassem terra e lixo na via pública. Sobre os bens comercializados é indicado o imposto de portagem sobre aqueles que o fizessem na vila, principalmente os homens de fora, surgindo referências a uma variedade de produtos alimentares ou simplesmente utilitários digno de nota: à época comparavam-se na vila diversas espécies de peixe – quer de rio quer de mar, entre os quais destacamos o cherne, o goraz, o besugo, o cação, o congro, o sável, a enguia, o barbo, mariscos como o berbigão, ostras e caranguejos –, carnes de várias origens – bovina, caprina, suína e até cérvida –, legumes e frutos – castanhas, nozes –, queijo, mel, azeite, unto, vinho, sal, e também têxteis – almocelas, chumaços, panos de lã ou linho –, couros, ferramentas ou armas.¹²³

Somando estes dados às informações disponibilizadas pela leitura de um *rol de besteiros do conto* com a mesma cronologia e de dados relativos ao número de tabeliães publicadas por A.H. de Oliveira Marques¹²⁴, e conjugando-os com o facto de, em 1273, D. Afonso III ter criado a feira de Torres Novas, podemos concluir que nesta altura a vila médio-tagana assumia uma dinâmica económica pujante, facto que teria repercussões no desenvolvimento do seu tecido urbano como analisaremos de seguida. Temos pois a actividade comercial como estímulo ao fenómeno urbano.

Passado o período de instabilidade fronteiriça do país, a ocupação da vila torrejana consolidara-se em função de uma economia diversificada com o alargamento de actividades

¹²² Cf. COELHO, Maria Helena da Cruz – *Ob.Cit.*, p.11.

¹²³ *Idem*, p.13

¹²⁴ «A População Portuguesa nos Fins do Século XIII» In *Ensaios de História Medieval Portuguesa*. 2.ª Edição. Lisboa: 1980, obra citada por CONDE, Manuel Sílvio Alves – *Ob.Cit.*. Volume 1. pp.112-118.

produtivas que se viriam a revelar determinantes no pulsar desse aglomerado. Por consequência desta nova dinâmica, o seu núcleo urbano cresceu, extravasando os limites da cerca. Deixando o núcleo primitivo, firmando-se um novo nível de ocupação que nascia no arrabalde, sendo que para este impulso seria decisiva a implantação de duas novas igrejas extramuros: a Igreja de Santiago e a Igreja de São Pedro, respectivamente a SO e O da cerca, para as quais há notícias já em 1259¹²⁵. [Fig.15]

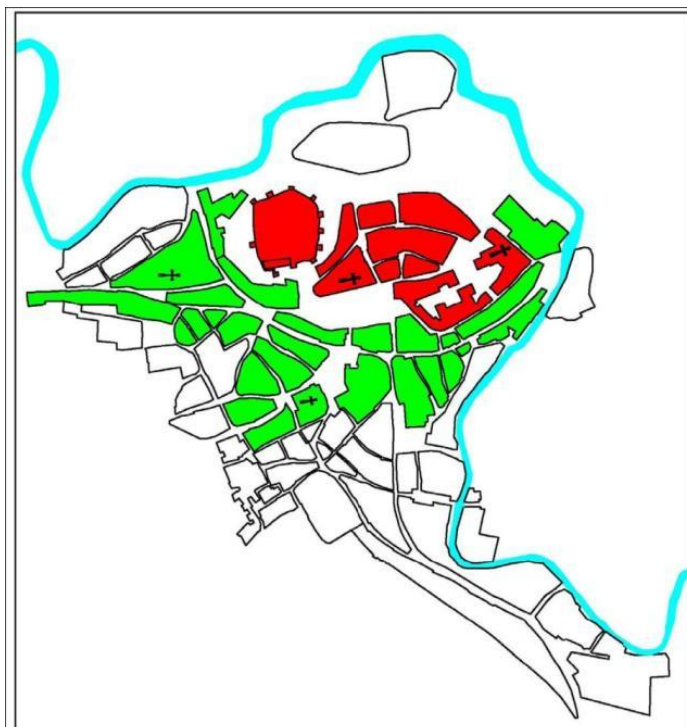


Fig. 15
A vila de Torres Novas
no Séculos XIII XIV
Os inícios da ocupação do
arrabalde assinalados sobre a
malha urbana actual respeitante
à área do centro histórico

Nos Séculos XIII e XIV paulatinamente, mesterais e comerciantes suplantam os limites da cerca ocupando o arrabalde que se expande predominantemente a SO e S do morro da fortificação, em terrenos planos abrigados pelas suaves elevações das colinas do *Babalhau* e *Arrábida* e delimitados pela linha sinuosa do rio Almonda. Ao extravasar a cerca, a malha urbana - partindo do casario que se estabelece pegado ao pano da muralha a S - desenvolve-se a partir da linha do sopé da colina acastelada – sobre a qual se implantava a via de acesso principal às estradas para o lugar de Lapas [e lugares junto à serra] e para Tomar, respectivamente a O pela *ponte do Raal* e *ponte pedrinha* a E. A partir dessa linha espraia-se em função das vias principais da estrada de Santarém, da estrada para os lugares de Zibreira e Alcanena e da estrada para o lugar da Ribeira. A ligação ao rio é definitivamente assumida, principalmente no

¹²⁵ Maria Helena da Cruz Coelho e João Carlos Lopes fazem referência uma relação das igrejas do Bispado, datada de 1259, que indica já a existência de quatro igrejas na vila. Vd. COELHO, Maria Helena da Cruz – *Ob.Cit.*,p10 e LOPES, João Carlos – *Ob.Cit.*, p.28.

lado SE, sendo o tecido urbano dessa zona delineado em função dos caminhos que ligavam a cerca à margem do Almonda. Como já foi afirmado, também as novas igrejas de São Pedro, a E, e de Santiago, a SO, terão potenciado o desenvolvimento urbano extramuros, funcionando como pontos estruturantes dos percursos articulados a partir da porta de *Santa Maria* e da *Praça Nova*. [Fig.15]

O espaço aberto da *praça nova* assume-se como nova centralidade na dinâmica urbana da vila, dominando-a a *Torre do Relógio* embebida na muralha da cerca e colocada junto do edifício das *casas do Concelho*, local onde estava também o pelourinho [hoje desaparecido]. A este somam-se as Igrejas de São Pedro e de Santiago e seus respectivos adros, entre os quais se delinearam vários arruamentos denunciadores de uma organização espontânea surgida da formação de percursos entre os dois templos e adaptados às condicionantes naturais advindas da proximidade à elevação do planalto da Arrábida. [Fig.15]

Vêem-se ainda reerguidos os primitivos muros da fortificação. Sofrendo com o duro assédio movido pelas forças de Henrique III de Castela, logo que findas as guerras fernandinas, e tal como sucedeu com outras fortificações do país, D. Fernando manda refazer as muralhas da vila torrejana, concedendo privilégios para os moradores que habitassem a área da cerca [sinal de regeneração urbana intramuros]. Associadas a este feito, duas pedras encontradas numa parede do edifício da antiga alcaidaria subsistem, encontrando-se hoje à guarda no Museu Municipal Carlos Reis: numa estão lavradas as armas da vila e do reino, e na outra, proveniente do Arco do Salvador¹²⁶, uma epígrafe reporta as obras de restauro da muralha da responsabilidade do mestre pedreiro Estevão Domingues¹²⁷.

A vila continuaria a crescer, chegando aos inícios do século XVI já com o seu tecido urbano a ocupar uma área significativa. [Fig.16] Para a reconstituição tecido urbano da vila, no período de transição entre os finais da Idade Média e a Época Moderna, revelou-se fundamental a leitura de textos descritivos dos bens das confrarias de Torres Novas para a mesma cronologia¹²⁸. De facto, nesta fonte detectam-se algumas informações de extrema pertinência para o estudo e análise da morfologia urbana torrejana, dado que revelam diversos elementos que permitem identificar através dos topónimos indicados, confrontações de propriedade e até

¹²⁶ De acordo com as *Memórias Paroquiais* para a freguesia de Santa Maria. Vd. LOPES, João Carlos – *Ob. Cit.*, p.270-271.

¹²⁷ «O MUI: NOBE:/ REI: DÕ: FERNÃO/ O:MADOU: FAZER:EST/ OBRA:AL PEZ:DE:SA/ NTAREM:IVIZ:POR:/ ELI: E FOI:ACABAD/A:ERA:DE:MIL:E:/IIIª:E:CATORZE:A/NNOS:E:DESTA:OB/RA:FOI:Me:ST:DOIS:P/EDREIRO:Q:EST: E/ Z:E: LAUVROU:». Cf. GONÇALVES, Artur – *Ob. Cit.*, pp.38-39.

¹²⁸ Publicados na seguinte obra: LOPES, Leonor Damas e TRINDADE, Margarida Teodora – *Ob. Cit.*.

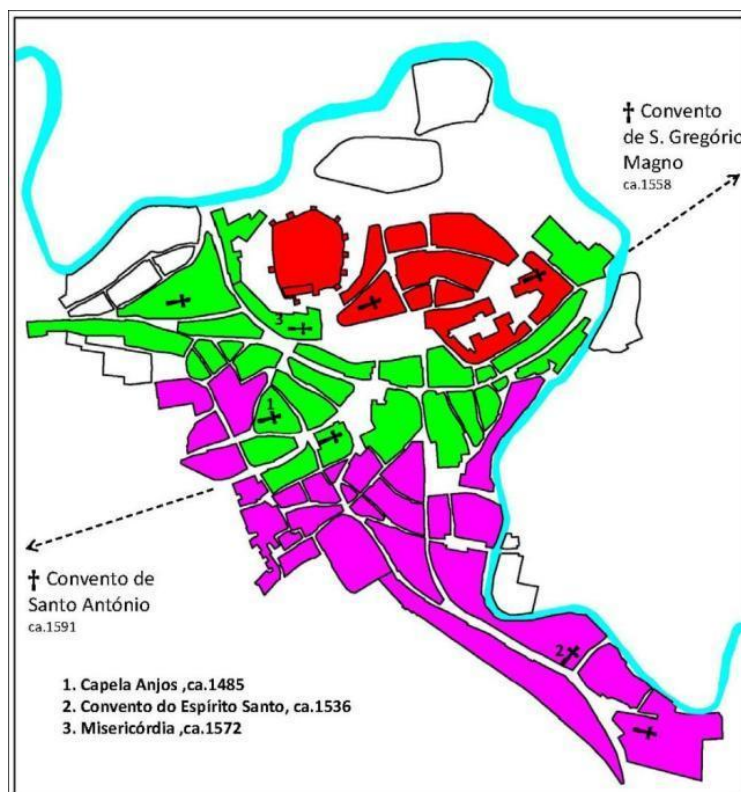
actividades laborais a dinâmica urbana à época. Nos **Quadros 4-13** sistematizamos os dados recolhidos partindo da toponímia mencionada.

É então possível perceber para o período entre 1502-1515 sinais de consolidação do urbanismo de ocupação do arrabalde da vila torrejana iniciado no século XIII. As vias principais de comunicação, os pontos de comércio, as primeiras indicações da existência de uma área periurbana nas zonas ribeirinhas de Santo André e Santo Espírito - para foram relegados os ofícios insalubres [caso dos *pelames* e das olarias, Vd. **Quadros 4 e 12**] -, a constatação da aplicação do modelo prático sócio-profissional [tão comum no fenómeno urbano português de raiz medieval] e até de segregação religiosa [com a Judiaria situada entre Santiago e Valverde, passada a chamar-se *vila nova* cerca de 1502 Vd. **Quadros 6, 8 e 12**] são alguns aspectos passíveis de serem apurados da leitura da fonte citada.

Para além de algumas indicações relativas ao núcleo primitivo da cerca, é essencialmente desenhado o quadro organizativo das propriedades existentes nos principais arruamentos do novo território da vila torrejana correspondente ao arrabalde. Se cruzarmos estes dados com a planta actual de Torres Novas, verificamos a permanência de alguma toponímia que nos ajuda a reconhecer os espaços descritos. Constata-se a sobrevivência dos traçados quando nos confrontamos com a planta actual dessa parcela de território, facto que só por si já justifica o valor patrimonial do conjunto.

O núcleo urbano torrejano de Quinhentos continuou pois a dinâmica urbana traçada desde finais do Século XIII, mantendo a sua organização estruturada no arco da linha do sopé do morro da cerca [entre as pontes do *Raal* e *pedrinha*], com expansão a partir dos eixos viários principais da *rua direita que vay da porta de sanctarem pera a praça* [eixo Norte/Sul, desde o arco da *praça nova a estrada que vem da villa pera Samtarem*, Vd. **Quadros 8 e 13**], da *rua publica* junto com a *Igreja de Santiago e Sancta Maria dos Amjos* [eixo intermédio SO, encaminhando-se para a *estrada que vay pera a zevreira*, Zibreira, Vd. **Quadro 13**] e da *rua publica* alinhada com o terreiro de São Pedro [eixo O, que ligava o centro da vila à estrada para a Ribeira], observando-se, ao mesmo tempo, várias situações de distribuição radial dos arruamentos, nomeadamente na *Portela*, adro de Santiago e Judiaria [*Rua Nova* **Quadros 8 e 12**] - *Rua Nova de Dentro* **Quadro 12**] - *Rua da Regueira de Água* **Quadros 8 e 12**] - *Rua dos Sabugueiros* **Quadros 5 e 8**] - *Rua da fonte de vallverde* **Quadro 12**] - *Rua dos Ferreiros* - *Rua de Santiago*], as quais atestam a consolidação da ocupação humana nesses locais.

Fig. 16
A vila de Torres Novas
no Séculos XV XVI
Consolidação da ocupação do
arrabalde



Os edifícios religiosos das quatro matrizes mantêm-se como infra-estruturas de prestígio, surgindo inclusivamente novos locais de culto como a *Ermida de Santa Maria dos Anjos* [fundada ca. 1485, Vd. **Quadro 6**], a *Ermida do Espírito Santo* [junto à gafaria da vila e onde se viria a instalar o convento de religiosas terceiras com o mesmo nome, ca. 1536, Vd. **Quadro 4**] ou a *Ermida de Santo André* [Vd. **Quadro 4**] junto à porta de Santarém. Outros edifícios de prestígio como as *casas do Concelho* são citados na mesma documentação, como veremos de seguida.

Sobre a cerca referem-se vários quintais, casas sobradas, outras térreas e alguns pardiéis [Quadros 9 e 11], indicando-se as casas do *porteiro do allmoxarifado* Vicente Gonçalves, do *andador* [associado ao caminho de ronda?] e também do albardeiro João Lopes [Quadro 9]. Há ainda menções sobre a *torre do comde* [Quadro 9], abaixo da qual se encostava já uma construção velha.

Para a *Praça Nova* é mencionado um *quintall* e *chão que soyam seer casas*, localizadas no seu *cabo*, *antre o muro* e a *barbacaa da parte de fora contra a dicta praça nova*, e também as *casas da câmara do comcelho*. [Quadro 12]

Encaixada a vila num meandro do Almonda, encontramos inúmeras referências às pontes como pontos de ligação aos restantes lugares do termo torrejano e restante espaço territorial, e

como vias de acesso aos terrenos férteis nas imediações da vila e/ou a infra-estruturas de transformação como lagares ou moinhos. A *ponte pedrinha* e a *ponte da levada*, situadas no limite E da vila, são mencionadas no *tombo dos bens do concelho* de 1503 [ver **Quadro 12**], situando-se junto a estas, a *ponte do Duque*, que servia os moinhos do Duque de Coimbra. Já a *ponte do Ral*, a partir da qual seguia a estrada para o lugar de Lapas e outros junto à serra, revela-se como um interposto urbano dinâmico, reportando o fervilhar de entradas e saídas da vila a situar-se junto dela junto dela a albergaria da Confraria de São Pedro [**Quadro 7**] De facto, a existência de edifícios assistenciais é mencionada, citando-se também a *albergaria* e *ospitall* da Confraria de Jesus situados na *rua direita que vay da porta de sanctarem pera a praça, junto com a regueira* [ver **Quadro 8**] e ainda a *gafaria junto com sancto espirito* [ver **Quadros 4 e 12**] - estruturas estrategicamente colocadas a ladear uma das principais vias da vila.

Referem-se ainda algumas estruturas de cariz utilitário para a população da vila, como é o caso dos moinhos - que aproveitavam a força motriz das águas do Almonda, caso do *moinho de D. Fernando* [**Quadro 4**] - ou de edificações destinadas ao armazenamento de produtos como o *celeiro da Rainha* [**Quadro 13**] ou o *forno de bastiam de llemos* [**Quadro 12**].

A matriz medieval no desenho dos arruamentos da vila é mantida, continuando diminuta a largura dos espaços de circulação de pessoas e mercadorias na área urbana extramuros. O arejamento seria assim parco, facto agravado com a existência de habitações com balcões, sacadas ou passadiços, aspectos que, ainda que em vias de extinção, podemos encontrar em alguns edifícios do actual centro histórico [p.e. habitação no início da Rua de Valverde, à esquerda de quem sobe]. A parcela urbana da vila torrejana é muito heterogénea quanto à tipologia, dada a variedade de referências: *casas térreas, meas sobradadas, casas sobradadas, casa de palheiro, pardieiros, quintais, chãos*. Percebe-se, contudo, a forma do quarteirão o qual resulta da ocupação das estruturas habitacionais no seu perímetro, ficando o seu espaço interior livre para os *quintais* ou *chãos* detrás de cada célula, os quais eram essenciais para a subsistência dos habitantes [com árvores de *fruyto* (figueiras, laranjeiras, nogueiras, oliveiras) e *pedaços de vinha*].

Segundo o *Numeramento de 1527*¹²⁹ a vila tinha nesses tempos cerca de 1500 habitantes, correspondentes a 351 fogos. Os dados dos bens das confrarias fornecem interessantes informações sobre a composição sócio-profissional dos seus habitantes, mostrando para o período entre 1502 e 1515 um quadro diversificado constituído por mesterais [tecelões, oleiros, ferreiros, sapateiros, albardeiros, alfaiates, pedreiros, carpinteiros], membros ligados à

¹²⁹ Publicado por Anselmo Braancamp em 1908. Cf. LOPES, João Carlos – *Ob. Cit.*, pp.21, 30, 47.

administração da vila e seu termo [referenciando-se alguns tabeliães, os porteiros do almoxarifado e do concelho, o requeridor das sisas, o procurador do concelho, o escrivão dos orfãos], membros do clero [sobretudo clérigos], indivíduos pertencentes ou próximos à nobreza local e nacional [alguns fidalgos, escudeiros e criados, mencionando-se o *cozinheiro da rainha dona lianor* (casada desde 1473 com D. João II, vd. **Quadro 4**) e um alfaiate que foy do primcepe dom afomssso (falecido em 1491, **Quadro 12**).

Quadro 4

Dados do Tombo da *Gafaria de Torres Novas* [1502]¹³⁰

Referências Toponímicas	Transcrição
«santo spirito» «gafaria»	<p>_[...] Huuas casas Junto com sancto espirito [...] traz aforada em vida de tres pessoas afomssso vaaz tecelam nouo cristãao [...] As quaees casas sam neesta maneira.scilicet. duas casas a dianteira térrea E a de demtro sobradada [...] e a casa de dentro [...]</p> <p>_[...] Huuas casas E quimtall Junto com sancto espírito [...] traz aforadas em vida de tres pessoas antam diaz oleiro morador em esta villa de torres nouas [...] duas casas em que elle viue que he casa diamteira E celeiro. E outra casa onde teem huum forno de cozer louça E em que se serue de seu officio d'oleiro. [...] as comfromtaçooes sam estas. O dicto quintall E a casa do forno partem d'amtre o pouemte E norte com casa E quintal d'aluar'eannes Lobato. E do leuante emtestam as dictas casas no seu dicto quintall E o quintal no Rijo d'almonda. Entestam todas as dictas três casas na dicta Rua de sancto espírito pera homde teem duas portas. [...]</p> <p>_[...] Huua casa terrea E meã sobradada Junto com sancto espirito. Em a quall staa o ospitalleiro [...] Junto com esta staa huua casa em que dormem os pobres [...] E parte do norte com outro quintall da dicta gafaria que ora traz amtam diaz oleiro e do levante com o rijo E pollomes E do sul parte com seruimtija que soya seer dos dictos pellomes que vay amtre este quintall [...] E emtesta do pouemte nas dictas casas E a [sic] na dicta Jgreia de sancto espirito [...]</p>
«santo amdre» «estrada ou caminho que vem de santo espírito pera santo andre	<p>_[...] Huum quintall com aruores E huum pedaço de vinha dentro neelle E huum oliuall Junto com sancto amdre [...] E parte do norte com caminho que vay pera o moinho de dom fernamdo E do luante emtesta no Ryo d'allmonda [...]</p> <p>_[...] Duas casas logo Junto com a sobredicta acerca de sancto André [...] traz aforadas em vida de tres pessoas dioguo pirez allmocreue [...] as quaaes casas huua dellas staa ora em pardieiro E outra cuberta de palha [...] do pouemte emtestam na estrada que vem da sancto espírito pera sancto andre [...]</p> <p>_[...] Outra casa pequena acerca da ermida de samcto amdre [...] a qual lhe dotada pera os gafos [...] E parte do norte com chãao da dicta gafaria que ora traz dioguo munez e do sull com seruintija E quintall também da gafaria que ora traz pero fernamdez cozinheiro da Raynha dona lianor [...] E de diamte comtra o ouemte Emtesta no caminho que veem de santo espírito pera santo amdre [...]</p>

Quadro 5

Dados do Tombo da *Confraria de Santa Maria do Vale de Torres Novas* [1502]¹³¹

¹³⁰ Cf. LOPES, Leonor Damas e TRINDADE, Margarida Teodora – *Ob. Cit...*, pp.161-176.

Referências Toponímicas	Transcrição
«rua de maria martinz» «quinchouso»	_[...] Huuas casas térreas na Rua de maria martinz junto com a Jgreia de santiaguo [...] E detrás da parte do sul emtestam com quinchouso de Jorge Rodrigues cleriguo E de diante da parte do norte emtestam em a dicta Rua pubrica [...]
«rua dos sabugueiros»	_[...] Huua casa térrea na Rua dos sabugueiros [...] e parte do norte com casa d'alluoro fernamdez escudeiro e do pouente com Rua pubrica E do sul parte com casa de pero diaz leitam allmocreue E do leuamte parte com casas de Joham brás Carpimteiro [...]

Quadro 6

Dados do Tombo da *Confraria de Santa Maria dos Anjos de Torres Novas* [1502]¹³²

Referências Toponímicas	Transcrição
«sancta maria dos anjos»	_[...] Outras casas e quintall Jumbo com a Jrmida de santa maria dos anjos [...] traz aforadas em vida de tres pessoas fernam machado tecellam [...] E o quintal parte do norte com a dicta Jrmida de santa maria dos anjos E do Leuamte com casas da dicta comfraria e quintal de dioguo vaaz E do sull com a Rua pubrica E do pouente com seruimtija da dicta Jgreja [...]
«rua do relego»	_[...] Huua casa na Rua do Relego [...]
«judiaria» «vila nova» «rua direita»	_[...] Huuas casas e logea em esta villa de torres nouas homde soya seer a Judiaria E ora se chama villa noua [...] traz aforadas em vida de tres pessoas simam de brito fidallguo [...] E outras casas logo hy que partem do norte com Rua pubrica que foy Judiaria E do pouente com graniell Garcia nouo cristãao [...] E a dicta logea staa na Rua direita [...]

Quadro 7

Dados do Tombo da *Confraria de São Pedro de Torres Novas* [1502]¹³³

Referência Toponímica	Transcrição
«raal [albergaria]»	_[...] Huuas casas e quintall no Raal que seruem d'allbergaria E sam três casas da porta ademtro [...] E partem do norte E do levante com Ruas pubricas E do pouente com casas de giostem'eannes e do Sull com casas de pero vaaz taballiam E com casas da dicta confraria que ora traz antonio fernamdez escudeiro [...] traz aforadas em vida de tres pessoas fernam machado tecellam [...] E o quintal parte do norte com a dicta Jrmida de santa maria dos anjos E do Leuamte com casas da dicta comfraria e quintal de dioguo vaaz E do sull com a Rua pubrica E do pouente com seruimtija da dicta Jgreja [...]

Quadro 8

Dados do Tombo da *Confraria de Jesus [antiga dos Lavradores] de Torres Novas* [1502]¹³⁴

¹³¹ *Idem*, pp.179-214

¹³² *Idem*, pp.217-255.

¹³³ *Idem*, pp.275-295.

Referência Toponímica	Transcrição
«valluerde»	<p>_[...] Huua casa de palheiro em esta villa em valluerde [...] traz aforadas em vida de tres pessoas antam martijz cleriguo de missa E beneficiado nas Jgrejas de sancta maria E santiaguo desta uilla por foro [...]</p> <p>_[...] Huuas casas com o seu chaaam detrás dellas em vallverde que ora traz aforadas em fatiota pera sempre pera ele E todos os seus herdeiros E socessores bastiam fernamdez escudeiro aquy morador [...]</p>
«rua dos sabugueiros»	<p>_[...] Outras casas na Rua dos sabugueiros [...] traz aforadas em vida de tres pessoas E porem he Já segumda pessoa ao prazo dioguo mendez pedreiro [...]</p>
«regueira»	<p>_[...] Outra casa logo hy homde chamam a Regueira [...] traz aforada em vida de tres pessoas Esteuam lopez criado d'alluoro collaço [...] E parte do pouemte com elle esteuam lopez. E com o dicto alluoro collaço E com elle dicto esteuam lopez do norte E do leuamte com outra da dicta comfraria que ora traz gracia freire nouo cristãao [...]</p> <p>_[...] Outra casa de palheiro na dicta Regueira [...] traz aforada em vida de tres pessoas Garcia freire nouo cristãao [...] E parte do pouemte com Rua pubrica E do norte com esteuam lopez e com aluoro collaço E leuamte com outra casa da dicta comfraria que ora traz Joham d'abeull [...]</p> <p>_[...] Outra casa de palheiro na dicta Regueira [...] traz aforada em vida de tres pessoas Joham d'abeull [...] E parte do pouemte com Rua pubrica E do norte com aluoro collaço E com outra casa da cista cofraria que ora traz Garcia freire nouo cristãao. E do leuante com casas d'albergaria E ospital da dicta confraria [...]</p>
«judiaria» «rua noua»	<p>_[...] Huuas casas sobradadas na que foy Judiaria E ora se chama ruanoua que ora traz aforadas em vida de três pessoas Rodrigu'eannes nouo cristãao [...]</p>
«rua direita [albergaria]»	<p>_[...] As casas d'albergaria e ospital que stam na Rua direita [...] As sobredictas casas d'albergaria que stam na Rua direita que vay da porta de sanctarem pera a praça Junto coma rregueira As quaes sam quatro casas da porta adentro conuem a saber huua casa em que a comfraria aloja suas novidades [...] E a outra casa em que agasalham os pobres E outra casa da ospitalleira [...]</p>

Quadro 9

Dados do Tombo da *Confraria do Salvador de Torres Novas* [1502]¹³⁵

Referência Toponímica	Transcrição
«cerca [rua direita]»	<p>_[...] Huum quintal na cerqua na Rua direita que vêem do saluador pera sancta maria [...] traz aforado em vida de tres pessoas Joham afomsso casqueiro [...] E parte com casa delle Joham afomsso casqueiro E de toda-las outras partes com heranças da dicta comfraria conuem a saber com casa que traz alluoro peixoto E casa que traz vicemte gonçalluez porteiro do allmoxarifado Ea casa que traz o andador E casa que traz Joham lopez albardeiro [...]</p> <p>_[...] Outra casa na dicta cerqua[...] Jtem a dicta casa na cerqua E na meesma Rua que ora traz aforada em vida de três pssoas Joham lopez albardeiro [...] E parte do pouente com Rua pubrica E de toda-las outras confrontações parte E confromta com quintall E casas da dicta confraria.scilicet. o quintall que traz o casqueiro E entesta na dicta logea [...]</p>
«torre do comde»	<p>_[...] Huum pardieiro abaixo da torre do comde [...] parte do levante com sseruimtija d'augoa E emtesta com seruimtija do muro [...]</p>

¹³⁴ *Idem*, pp.299-318.

¹³⁵ *Idem*, pp.323-340.

Quadro 10

Dados do Tombo da *Confraria do São Brás de Torres Novas* [1502]¹³⁶

Referência Toponímica	Transcrição
«adro de santiagu»	_[...] Huua casa e quintal em esta uilla Junto com o adro de santiagu [...] A quall casa parte do norte com o dicto adro [...] E do sull com a Rua publica [...]

Quadro 11

Dados do Tombo da *Capela de Henrique de Sousa* [1503] [o qual tombo he da capeela per nome capeelade Jesu./setuada na igreja de sancta maria d'alcarcoua desta villa de torres nouas] ¹³⁷

Referência Toponímica	Transcrição
«sancta maria d'alcarcoua»	_[...]Huum assentamento de Casas sobradas Eoutras terras Junto com a Jgreia de sancta maria d'alcarcoua desta villa pardieiros defronte das dictas casas [...]E partem do leuante com Rua publica E do pouemte com o adro da dicta Jgreia de sancta maria [...]

Quadro 12

Dados do Tombo dos *Bens do Concelho de Torres Novas* [1503]¹³⁸

Referências Toponímica	Transcrição
«vallverde» «regueira» «fonte de valverde»	<p>_[...] Huuas casas E quintall em esta uilla de torres nouas homde se chama vallverde [...] traz aforadas em vida de tres pessoas. aluar'eannes çapateiro [...] E entestam do norte na Rua publica da fonte de vallverde. E do sul com a Regueira [...]</p> <p>_[...] Outras casas E quintall no dicto vallverde [...] traz aforadas em vida de tres pessoas Joham dábeull [...] E partem do leuante com casa do comçelho que ora// traz martim afomssso tecellam E do pouemte com casa que soya seer do comcelho E ora he de fernam dálluarez oleiro E do norte com Rua publica E detrás com a Regueira que vem da fonte de vallverde [...]</p> <p>_[...] Outro quintall no dicto vallverde [...] traz aforado em vida de tres pessoas. aluoro gill ferreiro nouo cristão [...]</p> <p>_[...] Huuas casas e quintall também em vallverde [...] traz aforado em vida de tres pessoas steuam gomçalluez Requeredor das sisas [...]</p> <p>_[...] Outras casas no dicto vallverde [...] que ora traz aforadas E he ja terceira pessoa ao prazo afomss'alluarez allfayate que foy do primcepe dom afomssso que deus teem [...]</p> <p>_[...] Outras casas e quintall no dicto vallverde [...] ora traz aforadas E he ja segunda pessoa ao prazo caterina annes molher que foy de Vasco fernandez tecellam de mantas [...]</p> <p>_[...] Outras casas e quintall em vallverde [...] ora traz aforadas E he ja segunda pessoa ao prazo Jsabell aluarez viuua molher de martim paez Já finado nouo critãao [...]</p> <p>_[...] Huua casa e quintall no dicto vallverde no dicto vallverde [...] ora traz aforada em vida de três pessoas Jorge de goês nouo cristão [...]</p> <p>_[...] Outra casa no dicto vallverde [...] ora traz aforada em vida de três pessoas fernam diaz que foy carniceiro [...] E parte do pouemte com aluar'eannes barberruyuo E do leuante com fernam gonçallvez pedreiro [...]</p>

¹³⁶ *Idem*, pp.343-352.

¹³⁷ *Idem*, pp.119-130.

¹³⁸ *Idem*, pp.139-158.

«sancta maria dos amjos»	<p>_[...] Huum chãao abaixo de sancta maria dos amjos.[...] traz aforado em vida de tres pessoas pero Rodrigues çapateiro [...]</p> <p>_[...] Huum quintall Jumto com sancta maria dos amjos [...] traz aforado em vida de tres pessoas pedr'eannes que ora he procurador do comcelho [...] O quall quintall staa Jumto com sancta maria dos amjos comtra o Raall E parte dp leuante com chãao do comcelho que traz Joham da mota porteiro do concelho[...]</p> <p>_[...] Huum quintall Jumto com sancta maria dos amjos [...] traz aforado em vida de tres pessoas fernam vieira scudeiro aquy morador [...] E parte do sull com a ermida de sancta maria dos amjos E de toda-lls outras partes com caminhos e sruimtijas do concelho. O qual quintall teem aruores de fruyto [...]</p> <p>_[...] Huum quintall Jumto com a hermida de sancta maria dos amjos [...] traz aforado em vida de tres pessoas Joham da mota nouo cristãao porteiro do comcelho da dicta uilla [...] E parte do leuante E sul com pardieiros casas e quintall dos filhos de pedr'eannes taballiam. E do pouemte com outro quintall do meesmo concelho que ora traz pedr'eannes cabrita. E do norte parte com rua publica do comcelho. E teem três figueiras E huua videira [...]</p>
«lameguo»	<p>_[...] Huuas casas Jumto com cuu lameguo a caram da Rua dirreita [...] traz aforada em vida de tres pessoas afomss'eannes sueyro carpinteiro [...]</p>
«santiagu»	<p>_[...] Huuas chãao abaixo de santiagu Junto com o forno de bastiam de llemos [...] O quall chãao parte do leuante E sul com o dicto bastiam de llemos E do norte como o dicto bastiam de llemos E do norte com Rua publica[...]</p>
«salluador»	<p>_[...] Huua laramgeira E huua figueyra borJacote detrás da Igreja do salluador [...] traz aforada em vida de tres pessoas afomss'eannes Ramos oleiro [...] As quaaes laramgeira e figueyra stam amtre a oussija da dicta igreja E o muro [...]</p>
«santo spirito» «gafaria» «polames»	<p>_[...] Huum chãao que soya seer o curral do concelho allem de santo spirito [...] O quall chaam staa aallem de santo espírito bem a caram do caminho que vay de cima das olarias pera o porto dos gafos [...] E parte do norte com quintall da gafaria [...] E do poente apte com Rua que veem de santo espírito pera samto andre que he amtre o dicto chãao E as olarias E do sull parte com o dicto caminho que vay pera o dicto porto dos gafos E moinho de dom Fernando. E do leuante parte com seruimtaja que vay pera os pellomes [...]</p>
«ponte pedrinha» «ponte da leuada»	<p>_[...] Huum chãao com hua nogurira E outras aruores amtre a ponte pedrinha E a outra ponte da leuada [...] O quall chaam de Junto coma a pomte pedrinha [...] E do sul emtesta na pomte pedrinha E do pouemte parte com o Rijo d'almonda E parte do lleuante com o caminho que vay da pomte pedrinha pera pomte da leuada que he amtre o dicto chãao</p> <p>_[...] Huum chaam bem junto com a dicta pomte pedrinha da parte da villa [...] traz aforado em vida de tres pessoas pero diaz que foy estallaJadeiro [...] Parte do leuante com o rijo d'almonda E do pouemte com o caminho que vay da villa pera a dicta pomte E emtesta do sul no caminho que vay pera os lagares velhos E do norte emtesta com na dicta pomte pedrinha[...]</p>
«castelo»	<p>_[...] Quatro oliueiras com o seu chão detrás do castello [...] parte do norte com andre vaaz barbeiro E do pouemte com herança de sancta maria E do sull com o muro E do leuante com seruimtaja d'ereeos que vay pera as heranças que stam de trás do castello</p>
«praça noua»	<p>_[...] Huum quintall E chãao que soyam seer casas a caram do muro no cabo da praça noua [...] traz aforado em vida de tres pessoas dioguo tabora escudeiro [...] E o dicto quintall [...] estaa todo amtre os muros.scilicet.amtre o muro E a barbaca da parte de fora comtra a dicta praça noua</p> <p>_[...] Huuas casas na praça noua na freguesia de samta Maria [...] traz aforadas em vida de tres pessoas gomçallo fernamdez barbeiro [...] E partem do leuante com casas da câmara d comcelho E das outras partes com chãaos do comcelho.</p>
«bacora»	<p>_[...] Huua travessa homde chamam a bÁCora [...] traz aforado em vida de tres pessoas joham rodriguez escriuam dos horphãaos [...] [parte]do levante com casas de dioguo afomssso Carpinteiro</p>
«cerca [postigo]»	<p>_[...] Dous chãaos na cerca Jumto com o postijgoo [...] huum delles parte do pouemte com caminho pue vay pera o porto dos surdos E do levante parte com elle pero leitam E emtesta do norte com seruidam que vay a caram do muro</p>
«portela»	<p>_[...] Huua seruidam demtro em huuas casas d'aluoro mendez pintor que stam aa portella [...] E parte do pouemte com quintall da igreja de santiagu que ora traz elle aluoro mendez E do leuante com casas de dioguo de Figueiredo tecellam e do norte emtesta em rua</p>

	pubrica que vay pera o Raal e do sull com outra rrua pubrica que vay per baixo dos quintaes que stam a samta maria dos anjos
«rua direita»	_[...] Huuas casas que seruem d'estallajeos na Rua direita acima hum pouco da praça uelha [...] As quaees estallaJees.sam em esta maneira conuem a saber teem logo aa emtrada huua seruidam que veem teer aa Rua direita da praça [...] As quaees casas todas partem do norte com casas de mem Rodriguez escudeiro E do pouemte com quintaees das casas de dom Lopo d'allmeida filho do comde dábrantes. E do leuante com seruimtija de casas E com a Rua pubrica

Quadro 13

Dados do Tombo da *Capela de D. João Rodrigues Pimentel e Estevainha Gonçalves, Sua Molher, na Igreja de São Pedro de Torres Novas [1515]*¹³⁹

Referência Toponímica	Transcrição
«rua direita do celeiro da rainha»	_[...] huuas casas térreas com hum pedaço de chãao mistiço com ellas na dicta villa na Rua direita do celeiro da Rainha [...] traz aforada em vida de tres pessoas dioguo gil taballiam
«sancta maria dos amjos	_[...] hum chãao com aruores jumto com sancta Maria dos amjos em a dicta villa de torres nouas [...] traz aforado em vida de tres pessoas meestre gomez çelurgiam cristão nouo [...] E [parte] do norte com estrada que vay pera a zeureira E do pouemte parte com seuimtija que vay pera valuerde
«samto amdre» «estrada que vem da villa pera Santarém» «gafaria»	_[...] huua olaria e hum palheiro em a dicta villa Jumto com Samto amdre [...] traz aforada em vida de tres pessoas Rodrg'eannes oleiro [...] A quall olaria parte com outra olaria de sancta Maria de alarcova que ora traz o bernaldo o velho da parte do norte./E da parte do sull parte com casa de Jan'alluarez oleiro E do leuante entesta na estrada que vem da uilla pera santarem E do poente com oliuall da gafaria
«rua de tudo leua»	_[...] huuas casas na dicta villa no Raall na Rua de tudo leua [...] traz aforada em vida de tres pessoas. pero Rodriguez çapateiro
«porto dos gafos»	_[...] Huua lezira [...] que stam junto com a dicta villa de torres nouas ao porto dos gafos
«igreja de sam pedro»	_[...] Asemtamento de casas E quintaees junto com a dicta Jgreia de sam pedro

Anos mais tarde, iniciar-se-ia uma importante sequência de acontecimentos que ajudariam ainda mais ao processo de expansão urbano da vila: em 1536 acontecia a fundação do convento feminino franciscano do Espírito Santo [Ordem Terceira], ocupando a antiga ermida do Espírito Santo¹⁴⁰ no fundo da *rua direita que vem de sanctarem*; em 1558 era fundado o convento masculino carmelita de São Gregório Magno, na margem esquerda do Almonda em terrenos para lá da ponte da Levada, junto à estrada para Tomar¹⁴¹; em 1572, a Misericórdia de Torres Novas, instituída em 1534, erigia o seu templo junto da Igreja de Santa Maria¹⁴²; e, em 1591 é

¹³⁹ *Idem*, pp.31-104.

¹⁴⁰ Vd. SANTOS, António Mário Lopes dos – *O Convento do Espírito Santo de Torres Novas [1536-1799]*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2009.

¹⁴¹ Vd. SANTOS, António Mário Lopes dos – *O Convento do Carmo*. Torres Novas: Santa Casa da Misericórdia, 2006.

¹⁴² Cf. GREGÓRIO, Paulo Renato Ermitão – *A Igreja da Misericórdia de Torres Novas (1572-1700)*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2003, pp.37-45.

iniciada a construção do convento franciscano masculino de Santo António [Província da Arrábida] no planalto que adoptaria o nome daquela província franciscana como topónimo, junto à estrada para Alcanena e Zibreira.

A chegada das Ordens Religiosas por via da fundação das estruturas conventuais referidas - muito por via da acção mecenática de D. Jaime de Lencastre [filho de D. Jorge de Lencastre, Duque de Aveiro], prior das quatro freguesias da vila e eleito Bispo de Ceuta e primaz de África em 1545 – consolidaria a malha urbana da vila nos pontos onde anteriormente já havia ocupação [em redor da Portela e Espírito Santo] e faria expandir o seu espaço periurbano, criando as novas periferias da Arrábida/Berlé e do Carmo, esta última adquirindo protagonismo em tempos futuros, como veremos de seguida.

De acordo com o que actualmente encontramos no interior dos templos da vila e também tendo em conta as informações que têm vindo a ser recolhidas em alguns estudos recentes, a centúria de Seiscentos na vila torrejana terá sido profícua em obras de reformação nos seus principais edifícios de prestígio, sobretudo nos de função religiosa. Pelos ricos programas decorativos ainda remanescentes, nos quais a dualidade talha/azulejo é uma presença quase constante, e de acordo com os dados das fontes primárias, sente-se o forte dinamismo das obras de remodelação e reorganização dos espaços sacros, estando documentalmente comprovado o papel das várias confrarias da vila como principais encomendadores na celebração de contratos de obra para talha, azulejo, pintura e outros com artistas e artífices locais ou oriundos dos centros de Santarém e Lisboa.¹⁴³

Os dados demográficos ajudam também à leitura da evolução do tecido urbano, sobretudo quando há um intervalo cronológico significativo. Deste modo, e sobre a vila de Torres Novas na Época Moderna tomemos em consideração os indicadores revelados nas *Memórias Paroquiais* de 1758 e confrontemo-los com os que já mencionámos anteriormente do *numeramento* de 1527¹⁴⁴.

O recenseamento numérico da população realizado nos meados de Setecentos faz estimar que o número de habitantes na vila rondasse os 3500 em proporção aos cerca de 1200 fogos.¹⁴⁵ Projecta-se então que entre ca.1527 e ca.1758 a habitação unifamiliar na vila tenha

¹⁴³ A título de exemplo veja-se a actividade do mestre entalhador Manuel da Silva, de Lisboa, com diversas obras em Torres Novas realizadas entre 1639 e 1695 para as igrejas da Misericórdia e de Salvador. Cf. GREGÓRIO, Paulo Renato Ermitão – A obra do mestre entalhador Manuel da Silva, na vila do Almonda. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º 14 (2002). pp. 49-59.

¹⁴⁴ Ver nota 38.

¹⁴⁵ Cf. LOPES, João Carlos – *Ob. Cit.*, p.49.

vindo a duplicar, significando isso a consolidação efectiva da ocupação da vila, facto que deveras acompanha a tendência verificada nos últimos dois séculos.

Outro aspecto relevante é a informação que se pode colher dos dados relacionados com o rendimento de propriedade. Segundo os *Livros da Décima da Estremadura* de 1762 aparecem referências ao *Rossio do Carmo* [no espaço periférico da vila, a E], à *Rua da Levada* [correspondente à linha do sopé da colina amuralhada da vila, desde a *praça velha* até à *ponte pedrinha*], à *Rua do Levatudo* [por detrás de São Pedro, desembocando junto à ponte do *Raal*], à *Rua Direita* [até à *porta de sanctarem*] como os arruamentos com mais fogos colectados, numa preponderância correspondente com os valores dos rendimentos dos prédios.¹⁴⁶

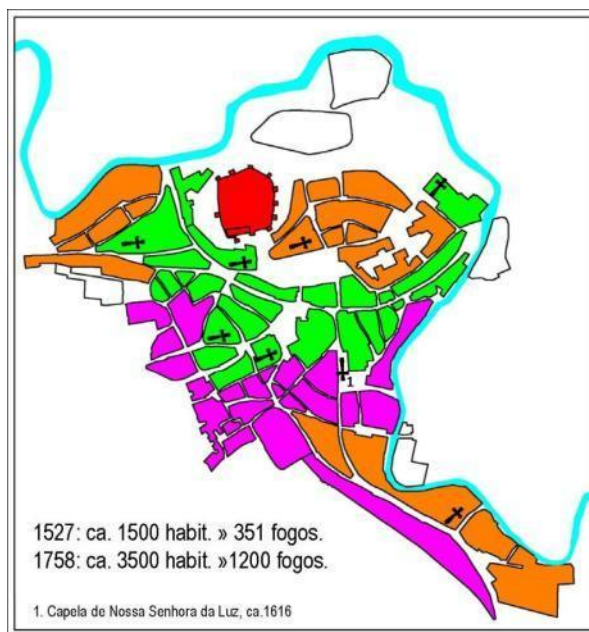


Fig. 17

A vila de Torres Novas
no Séculos XVII e XVIII
A cristalização do tecido urbano
Projecção sobre a malha urbana actual
correspondente ao centro histórico

Apesar de tudo, pela confrontação da documentação seiscentista e setecentista com o tecido actual, constatamos, sobretudo através das referências toponímicas, que o tecido urbano da vila não se expandiu significativamente. Exceptuando a consolidação da periferia do *Rossio do Carmo*, o que parece acontecer nestes séculos é o preenchimento do espaço disponível na vila desde inícios de Quinhentos. A vila torrejana dos Séculos XVII e XVIII sobrepõe-se maioritariamente à morfologia estruturada desde o século XIII, mantendo portanto o seu traçado medieval.

¹⁴⁶ *Idem*, pp.97.

A par das visitas paroquiais, especificamente dedicadas aos templos religiosos¹⁴⁷, as *Memórias Paroquiais* de 1758 constituem importantes fontes para o conhecimento de alguns aspectos do edificado de prestígio da vila à época. Vejamos o que revelam.

Nas respostas do pároco de Santa Maria, já publicadas por João Carlos Lopes¹⁴⁸ além da descrição da respectiva igreja matriz, menciona-se o convento do Espírito Santo «*no principio da vila e na rua mais principal dela, para a parte do nascente e tão conjunto ao celebrado rio Almonda que lhe serve de invadiável fosso a seus edificios, apertando por aquela parte de tal sorte as correntes, que ficam às oficinas deste sobranceiras as suas águas*», o convento de Santo António, a casa da Misericórdia [e o seu hospital], a ermida de Nossa Senhora da Luz, a ermida de Santo André *no principio da vila*, o castelo, o bairro da cerca com a sua muralha e respectivas portas, a torre com o *relógio da vila* o castelo e a torre *perto da paróquia do Salvador*. Os párocos das restantes três freguesias repetem a referência a alguns dos edificios descritos, facto que, para além de acusar o seu prestígio no quotidiano da vila, auxilia na sua percepção à época por meio das múltiplas perspectivas que as respostas ao inquérito fornecem. Apresentamos nos **Quadros 14 a 16** as informações principais para o entendimento sobre como eram, o que eram e como estavam as infra-estruturas da vila torrejana de maior prestígio em 1758.

Quadro 14

Edifícios de prestígio mencionados nas *Memórias Paroquiais* de 1758¹⁴⁹

Respostas do Pároco da freguesia do Salvador

IGREJA DE SALVADOR [fl.749] «[...] Seu orago he São Salvador e se festeja no dia da admiravel Ascenção de Nosso Redemptor. Esta edificada em hum alto que a faz ser alegre, della se sobe por alguns degraus ate se dar em hum formoso taboleiro calçado de meudo seixo, e delle se sobe para a igreja por hum degrao. He a Igreja so de huma nave com bastante grandeza (antigamente teve tres naves que então devião de ser mumto estreitas), he azulejada com suas portas a principal ao poente e a segunda ao Norte com sua Capella-Mor he abobadada com seus balesores, huma larga e bem feita cimalha com hum magnifico cerco de pedraria lavrada cuja obra pello livro dos obitos da mesma que servio no anno de mil seiscentos [fl.750] trinta e oito consta ser mandada fazer esta Capella Mor pello Prior Diogo Vaz Velles que da Igreja da Villa de [...] foy promovido nesta. As paredes desta mesma Capella mor se observão feitas de pedras lavradas com umbreiras e bazes que pella forma se veriffica terem servido em edificio antigo Nascente das costas da mesma Capella mor em cada huma das partes junto ao telhado se ve um busto ou cabeça de pedra coroada como por modo de coroa ou diadema a maneira dos bustos que se punhao aos Imperadores Romanos tem a capella mor sua tribuna de talha dourada e no arco da mesma tribuna hum painel e nelle pintado com o primorozo pincel do grande Bento Coelho o admirável Mistério da Ascenção que mandou a sua custa fazer o Beneficiado João Dias do Avellar. Da parte da Epistolla lhe fica a sancrestia que foy como já se disse a ermida de São Jorge cuja alem de ser esta

¹⁴⁷ Vd. PEREIRA, Isaiás da Rosa – *Ob. Cit.*

¹⁴⁸ Cf. LOPES, João Carlos – *Ob. Cit.*, p. 239.

¹⁴⁹ «Freguesia de Salvador/Torres Novas». In *Dicionário Geográfico de Portugal*. Disponível em: <http://ttonline.dgarq.gov.pt>.

sua casa própria teve altar nesta igreja [...]

Da parte do Evangelho [...] a Sanchrestia e a Casa do Despacho da Confraria do Santissimo Sacramento e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a cerventia para o púlpito.

Na capella Mor festejão todos os domingos do anno digo todos os terceiros Domingos do anno [sic] ao Santissimo Sacramento, e fazem com munta grandeza e dipendio e [...] das quarenta horas e [fl.751] festejão ao mesmo Senhor na Dominica Octana infra Corpus Christi com sua Procissão geral Esta Irmandade he munto antiga nesta igreja [...] Tem esta capella mor no arco suas grades de pao preto torneadas que servem de cummungatorio. De fora das grades da banda da epistolla tem hum altar e nelle huma trebuna dourada; e em hum nicho dentro de huma cristalina vidraça huma prefeitissima Imagem de Nossa Senhora com o titulo do Rosario que tem sua confraria que se compõem de Juiz Escrivão outo Mordomos e com grande numero de confrades, e com poucas rendas que ainda e munto os annuaes dos confrades esta Sagrada Imagem festejam os Irmãos em o Primeiro Domingo de Mayo e o Juiz da Confraria em o Primeiro Domingo de Outubro.

Da mesma exta huma capella muito pobre que algum tempo estava funda que instituiu com missa cotidiana Anna Simoa mulher de Diogo [...] Cavaleiro da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa de Sua Magestade e no pedestal do arco tinha o letreiro seguinte Capella de Anna Simoa com Missa Cotidiana por sua alma faleceo em Mayo de 1604.

De fora das grades da parte do evangelho tem [fl.752] hum altar com sua tribuna de talha dourada e neste huma antiga imagem de Santa Luzia que no seu dia se festeja por devotos

Da mesma parte em huma primuroza tribuna de talha dourada esta huma imagem de São Francisco de Paula que mandou fazer o Reverendo Prior António de Macedo e Silva Frey Conventual do Real Convento de Santiago de Palmella Apostolico de sua Santidade, e com esmollas dos fieis se fez esta primuroza tribuna. O santo Resplandece com muntos milagres E no mesmo altar esta huma imagem do principe dos patriarcas São Bento que mandou fazer Jorge de Mesquita e no peito em huma nomina duas reliquias huma de Santa Ana e outra de Santa Maria Magdalena que forão da Sereníssima Infanta De que já a Senhora Dona Catherina como consta da autentica que esta no Cartorio e no mesmo altar outra imagem de São Benedicto.

Também nesta Igreja ha a Imagem do Salvador que exta junto ao sacrário E huma do Santissimo Patriarca o Sagrado Espozo da Santissima Virgem Maria o Senhor São Joze.

Tem esta Igreja seu coro, pia bautismal, torre com sinos. He so de huma nave forrada e apaynellada sem ser pintada. [...]

CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO [fl.759] «[...] Tem esta villa três conventos ainda que estão em outras freguesias. O mais antigo delles e o Convento do Espírito Santo de Religiozas Terceiras de Nosso Seráfico Patriarca São Francisco Edificado no principio da villa e na sua rua mais principal della e tão conjunto ao Nobre Rio Almonda que lhe servem suas profundas aguas de foso e de ruina para as offinas do mesmo em que fica tão sombranceiro que [...] ao mesmo Convento neste sitio pois edificou a raynha Santa Isabel huma ermida a Terceira divina pessoa o Espírito Santo de quem era em extremo devota e para ella ou conjunto transferio hum Recolhimento de mulheres convertidas que havia na cidade de Coimbra. Nos limites deste ou perto deu principio ao convento Dona Branca Religiosa professa de [...] Padre São Domingos, e tya de Dom Frei [...] de Menezes Arcebispo de Braga no anno de 1536 trazendo consigo [fl.760] quando nelle se recolheu quatro mulheres de exemplar vida a saber Violante da Conceição Maria de Jesus, Jeronima da Costa, e Catherina de Santa Clara, que no prencipio derão obediência aos Religiosos da terceira ordem sendo seu Provincial Frei Mathias. Dona Branca foy a primeira que nelle faleção Em seu lugar ficou Violante da Concepção que deu obediência a Província dos Observantes de Portugal, pedindo outra Religioza por Abbadeça e o Padre Frey Diogo de Andrade lhe deputou lhe assignou a Madre Mecia de Azevedo Religioza exemplar do Mosteyro da Ribeyra de Terceiras no Arcebispado de Braga que com grande satisfação exercitou o cargo em que a seguirão duas preladas insignes Elena de Bayros e Leonor das Chagas. Deste Religioso Convento forão as fundadoras do Convento do Couto digo do Convento de Nossa Senhora da Esperança da Villa de Abrantes de que foy principal fundadora Brites de Jesus natural de Lisboa e sendo recebido este convento em obediência da Província de Portugal pelo Commissário geral Fr. Damião da Torre, e indo para a sua fundação religiosas do convento do Espírito Santo desta Villa e para Abbadeça Leonor das Chagas.

Este religioso Convento se acha na Freguesia da Parochia de Santa Maria. [...]

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO [fl.760] «[...]O segundo Convento he dos Reverendos Padres da Santa observante Província de Santa Maria da Arrábida que deu principio no termo desta villa entre os lugares de Marruas e Liteiros o Duque Dom João, e Supposto o lugar era Solitario se fez menos appetecido por doentio e se trasladou para o Sul desta Villa e della pouco distante em hum sitio que chamao berle, para cuja fundação concorrerão muitos devotos dando fazendas para nelle se edificar e se lhe lansou a primeira pedra na igreja em dezasseis de Fevereiro de mil e quinhentos noventa e hum sendo guardião Fr. Fabião da Culuna e se lhe deu por orago Santo António.[...]»

Quadro 15

Edifícios de prestígio mencionados nas *Memórias Paroquiais* de 1758¹⁵⁰

Respostas do Pároco da freguesia de Santiago

IGREJA DE SANTIAGO [fl.823] «He orago da dita Igreja o Apostolo Santiago Maior, tem sete altares o maior em que se venera Santiago Maior, Sam João Evangelista e Cristo Ressuscitado Nossa Senhora, e Sam Jozé, emagens de vulto, da parte do evangelho se venera em hum altar Sam Brás emagem de vulto e huma relíquia do mesmo santo, que obra muitos milagres no segundo altar se venera Sam Miguel Arcanjo, e no terceiro a Rainha Santa Isabel ambas imagens de vulto.

Da parte da epistola se venerão no primeiro altar três imagens de vulto Sancta Catherina Doutora, Santa Marta e Santo Amaro, no segundo Altar se adora huma imagem prodegioza de Cristo Cruceficado, e no terceiro Nossa Senhora da Consolação, todas Imagens de Vulto.»

[fl.825] «Na dita Igreja de Santiago se venera, a Sagrada Imagem de vulto de Christo Cruceficado, com o titulo do Senhor Jesus imagem mui antiga e venerada, e muito milagrosa à qual recorrem a villa, e povos vezinhos, e ainda distantes em todas suas necessidades publicas e particulares recebendo sempre despachos nas suas petiçoens principalmente nas necessidades publicas, e a vezitão frequentemente os devotos todos os dias principalmente nas sextas feiras de todo o anno.

A Imagem e relíquia de Sam Brás que há na mesma Igreja faz e obra repetidos milagres, e um grande concurso na Vespóra e dia em que se celebra a sua festa. [...]

CAPELA DOS ANJOS [p.824] «[...]Dentro da villa esta a Capella de Nossa Senhora dos Anjos na ademenistração da Caza da Misericórdia que se deu della a favor da venerável Ordem de sam Francisco que a conserva decentemente oranada com três Altares com muitas imagens da mesma venerável ordem.»

CONVENTO DO ESPÍRITO SANTO [fl.826] «[...]No terremoto do anno de mil e setecentos e sincoenta e sinco padecerão grandes ruínas os conventos, igrejas e cazas; destas se achão algumas reedificadas e outras não; o convento das religiozas necessita de grandes reparos [...]

135

Quadro 16

Edifícios de prestígio mencionados nas *Memórias Paroquiais* de 1758¹⁵¹

Respostas do Pároco da freguesia de São Pedro

IGREJA DE SÃO PEDRO [fls n/num] [...] Tem esta igreja sete altares a saber da parte do Evangelho quatro o altar de Nossa Senhora da Conceição, o altar do Senhor Sam Joze, o altar das Almas, o altar do Senhor Jesus e da parte da epístola dois o altar de Sam Bento o altar de Nossa senhora da Saudade e a capela mor que a sua custa a mandou fazer o Doutor Dom Antonio Pimenta, Prior que foy da dita Igreja. Tem tambem esta igreja quatro capellas todas com capelães efectivos e dois com obrigação de coro: a primeira e mais antiga a do Padre Martins Vaz [] que foi na dita Igreja que foy instituída no tempo do Senhor Rey Dom Fernando a segunda a que instituhio Dom João Rodrigues Pimentel, mestre que foy de Avis. A do Senhor Jesus que instituhio o vigário Joze Cardozo e a do Senhor Sam Joze instituhio o Benefeciado João Rodrigues Rogeiro. E há nesta igreja so a confraria das Almas governada por Juiz Escrivão e Thezoureiro, toma conta desta confraria o Provedor da comarca de Santarem e tem dois capelães de mica cotediana. He a dita Igreja de três naves.

CONVENTO DO CARMO [...] Esta no distrito da minha Igreja o convento dos Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo e seu padroeiro foy o Bispo de Seuta Dom Jayme de Alencastre neto do senhor Rey Dom João o segundo.

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA [...] Tambem esta no destrito da minha freguesia hum ospital que ademenistra o Provedor e mais irmãos da Mezericordia

IGREJA DA MISERICÓRDIA [...] Tambem esta no destrito da minha freguesia a igreja da Mezericordia e pada esta a minha um tostão de foro cada anno por estar situada no lugar onde estava huma ermida que hora anexa da minha igreja. Tem de renda esta caza de Mezericordia três ou quatro mil cruzados pouco mais ou menos que

¹⁵⁰ «Freguesia de Santiago/Torres Novas». In *Dicionário Geográfico de Portugal*. Disponível em: <http://ttonline.dgarq.gov.pt>.

¹⁵¹ «Freguesia de São Pedro/Torres Novas». In *Dicionário Geográfico de Portugal*. Disponível em: <http://ttonline.dgarq.gov.pt>.

tudo gasta em curar pobres e dar esmolos e pagar a oito capelães que tem com obrigação de coro. O templo desta santa casa he so de huma nave mas sumptuoso tem três altares, o altar mor que he de Nossa senhora da Concepção, o da banda da Epistola he do Senhor dos passos o da parte do evangelho do senhor do bom despacho.

ERMIDAS: «[...]Há também na minha freguesia cinco ermidas, a de Sam Sebastião a qual se acha arruinada há annos, a Ermida de Sam Domingos a Ermida de São João que esta pertence a comenda de Malta e a Ermida onde se diz missa aos presos que fica defronte da cadeia a qual he de Nossa Senhora do Livramento [...]»

Para 1790 sabemos que a praça nova mantinha a função central assumida nos séculos anteriores, sobretudo pela vocação comercial que detinha, permanecendo nela o pelourinho, *abaixo da frontaria da logea de Francisco Joze tendeiro*, o qual apresentava uma cruz de ferro no cimo rematada por *uma bandeira*.¹⁵²

Nos finais de Setecentos e inícios de Oitocentos a vila vive os primeiros sinais de uma pré-industrialização com a instalação de algumas fábricas junto ao rio: em 1783, um alvará régio licencia a instalação da Fábrica das Chitas de Torres Novas de David Suabe e Henry Menon; de 1797 data a licença dada a Maria Juge para estabelecer na vila uma fábrica de estampania de chitas; de 1818 a 1821 funciona no primeiro lugar onde se implantou a *Fábrica de Chitas*, junto ao rio uma fábrica de curtumes que originaria movimentos de protesto por parte da população da vila relacionados com a poluição que gerava e consequentes «*moléstia e muitos incómodos*»¹⁵³

Voltando a considerar os dados demográficos e avançando no tempo, ao comparar indicadores para a totalidade do concelho datados de 1760 com as congéneres referências incluídas numa acta camarária de 1834 regista-se uma diminuição do número de fogos existentes no território do termo de Torres Novas.¹⁵⁴ Contra os 4392 fogos no concelho indicados por Feliciano Luis Gonzaga em 1760, aquando da sua visita canónica¹⁵⁵, surge na documentação camarária o número aproximado de 4172 fogos. Consta-se, portanto, que no espaço de sete décadas se regista uma diminuição dos valores relativos à ocupação do território, o que deverá ser explicado pelos factos históricos desenrolados nesse intervalo.

As Invasões Francesas afectariam o território torrejano em 1807, com as tropas do General Junot e em 1810/12, com o General Massena¹⁵⁶ Torres Novas voltaria também a

¹⁵² Dados constantes no processo do Tribunal do Santo Ofício de Rafael Mendes Franco, jovem torrejano de 22 anos, aberto a 3 de Maio de 1790, o qual foi alvo de uma criteriosa análise por Ricardo Varela Raimundo no mais recente número da Revista Nova Augusta publicada pelo Município de Torres Novas. Vd. RAIMUNDO, Ricardo A. Varela – Da «*má indolle, e péssima educação*» ao «*sentir mal da Santa Fé Catholica e Lei Evangelica*»: o processo de Rafael Mendes Franco. Nova Augusta – Revista de Cultura. N.º21 (2009). Torres Novas: Município de Torres Novas, p. 64.

¹⁵³ Cf. ROCHA, Francisco Canais – *Ob. Cit.*, pp.39-42.

¹⁵⁴ Cf. SANTOS, António Mário Lopes dos – *Torres Novas nos Finais do Século XIX – Subsídios Históricos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1994, p.23.

¹⁵⁵ PEREIRA, Isaiás da Rosa – *Ob. Cit.*, pp. 45 – 67.

¹⁵⁶ Cf. GONÇALVES, Artur – *Ob. Cit.*, pp.147-157.

assumir lugar de destaque com a sua participação estratégica nos acontecimentos militares no âmbito das Lutas Liberais que assolaram o país entre 1828 e 1834, os quais atingem a vila e provocam baixas.

Apesar de ainda muitos escassos os dados de apoio à análise da morfologia urbana para esse período, deduzimos que a malha urbana cristalizada desde Setecentos permanecesse a mesma, estando as periferias num estado estacionário. Edifícios de prestígio como os conventos iniciam o seu processo de abandono e conseqüente descaracterização, já que em 1834 é decretada em Portugal a extinção das Ordens Religiosas.

Para o Convento do Espírito Santo o seu encerramento anteciparia este episódio, sendo extinto logo em 1799, justificando-se a acção pelo pouco rendimento da instituição e crescente endividamento, e dada a *impossibilidade de observância da disciplina regular*¹⁵⁷ Revertendo a sua propriedade para a Misericórdia de Torres Novas, nos tempos que se seguiram à sua extinção o edifício seria utilizado para funções militares [instalado quartel de cavalaria em 1805], sofreria um incêndio em 1811, e, no mesmo ano, por ordem camarária, converteria o seu quintal em local de enterramento dos que pereceriam em resultado da propagação de epidemias que assolavam a vila.¹⁵⁸

Só a partir da segunda metade de Oitocentos se inverteria a tendência demográfica decrescente – alteração associada à crescente actividade industrial que se implanta na vila – desempenhando papel destacado os têxteis, os couros, o papel, a metalurgia e as actividades agro-industriais. A chegada de infra-estruturas do tipo industrial à vila – processo bem analisado na obra recente de Francisco Canais Rocha incidente no movimento operário torrejano¹⁵⁹ – alteraria a sua paisagem urbana criando novas centralidades no seu espaço periurbano, as quais foram já apreciadas no início desta exposição de ideias.

Associando-se à actividade industrial estavam os transportes e as comunicações.

Em 1893 era inaugurada a linha ferroviária da *Companhia de Caminho de Ferro de Torres Novas e Alcanena* [empresa licenciada em 1887 e surgida da iniciativa do Barão de Matosinhos], a qual ligava a estação de Torres Novas (em Riachos) à localidade de Alcanena, passando pelo centro da vila torrejana no seguinte percurso: *Rua das Freiras – Rua dos Sabugueiros – Rua Nova – Portela – Rua de São Pedro – estrada para a Ribeira*. O seu funcionamento viria a cessar logo em 1896, dados seus múltiplos episódios de descarrilamento e acidentes [acentuados na

¹⁵⁷ SANTOS, António Mário Lopes dos – *O Convento do Espírito Santo...*, p.61.

¹⁵⁸ *Idem*, p.69.

¹⁵⁹ ROCHA, Francisco Canais – *Ob. Cit.*

passagem pelas ruas apertadas da vila torrejana] e falhas na gestão financeira da própria companhia.¹⁶⁰

Segundo a imprensa entre 1907-1910 existem no concelho as estações de Caminho de Ferro de Torres Novas [7 Km da vila] e de Entroncamento [a 7,1 Km], um Serviço de Diligências, um Serviço de *Valores Declarados e Encomendas Postaes, Cobranças de Títulos, Lettras, Obrigações e Vales...*, e o indispensável *Telegrapho*, tendo sua instalação ocorrido na vila em 1893.¹⁶¹

A vila torrejana chegaria ao Século XX com uma actividade industrial florescente, alguma dela tirando partido dos recursos da terra, sendo exemplo máximo o figo [sobre a produção de aguardente de figo existiam no concelho «*mais de 509 caldeiras de destilação e na sede uma fábrica importantíssima de laboração contínua...*»¹⁶²]. A par das destilarias, havia ainda as fábricas de tecidos, que só na vila absorviam cerca de 1000 operários – para além da *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos*, há notícia das fábricas de João Baptista Vassalo, José Baptista Ramos de Deus e Manuel Caetano da Silva – e também a metalurgia com as serralharias de Manuel da Costa Nery, de António Vassalo e de João Pereira do Canto a empregar dezenas de trabalhadores.¹⁶³

Ainda sobre a vila torrejana dos Séculos XIX e XX e eventuais alterações no tecido urbano, não podíamos deixar de referir um acontecimento ocorrido em Oitocentos, gerador de forte impacto na imagem daquele núcleo urbano: falamos do processo de destituição dos seus traços medievais mais significativos, para o qual consideramos a tomada do recinto do castelo para implantação do cemitério municipal em 1835 como o seu início.

Em sessão camarária de 15 de Outubro de 1836, a Câmara delibera que fosse demolido o pelourinho existente na Praça Nova, alegando que este era defeituoso e obstruía pelo seu volume o espaço exíguo desse recinto.¹⁶⁴ Anos depois, em 1854, demoliam-se duas torres da fortificação e parte do lanço da cortina da muralha entre esses, no seu lado N¹⁶⁵, colocando-se mais tarde nessa secção um gradeamento de ferro. Dando seguimento a estas campanhas de obras, foram mais tarde referenciados os arcos da muralha da cerca para demolição: em 1860,

¹⁶⁰ Vd. GONÇALVES, Artur – *Memórias de Torres Novas: Novos Subsídios para a sua História*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1937.

¹⁶¹ In *Jornal Torrejano*. N.º 5. De 25 de Dezembro de 1907. Cf. SANTOS, António Mário Lopes – *Torres Novas nos Finais do Século XIX*, p.130-144

¹⁶² *Idem*, p.132

¹⁶³ Vd. ROCHA, Francisco Canais – *Ob. Cit.*

¹⁶⁴ Cf. GONÇALVES, Artur – *Mosaico Torrejano: Miscelânea de Retalhos do Passado e do Presente de Torres Novas para Memoração no Futuro*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1936.pp. 124-125

¹⁶⁵ Segundo os *Livros de Actas da Vereação – Sessão da Câmara de 2 de Agosto de 1854*. fl.135. AHMTN.

destruía-se o *Arco de Santa Maria* por ameaçar ruína; quatro anos mais tarde seria a vez do *Arco do Salvador*; em 1876, apeava-se o *Arco da Praça*, juntamente com parte da muralha que lhe estava contígua; e, em 1883 o *Arco/Postigo do Vento* e parte do muro da cerca eram demolidos. Restava o edifício dos Paços do Concelho, situado na vetusta Praça Nova, encostado à muralha da cerca, junto da torre do relógio – conjunto que viria também a ser demolido, por decisão camarária de 1888, para alargamento daquele recinto, aproveitando o mau estado do edifício que se teria agravado com o episódio do incêndio de 1868 que terá destruído parte das suas dependências. No meio de todos estes apeamentos sobre parte do património edificado de raiz medieval, aconteceriam também as demolições da Capela de Nossa Senhora da Luz [que abriria o espaço do actual Largo D. Diogo Fernandes de Almeida] e também a Capela de Nossa Senhora da Nazaré no Largo do Paço.

Quanto às novas infra-estruturas, ainda que erigidas sobre anteriores parcelas do tecido urbano antigo da vila, para além das oficinas das indústrias já citadas [localizadas predominantemente junto ao rio], destaque para o novo edifício do *Teatro Torrejano* de 1877 – erigido em parte das dependências do antigo edifício do Paço do Duque, no Largo com o mesmo nome, demolido em finais da década de 1960 – e para o notável edifício do mercado fechado no topo da Rua Nova, construção em ferro e vidro, datada de ca.1884. A presença destes edifícios sublinha o protagonismo que o Largo do Paço [pequeno recinto localizado nas traseiras da igreja de Santiago e *praça-de-jorna*] adquire neste último quartel de Oitocentos, formando um conjunto harmonioso com os edifícios erigidos no topo Norte do mesmo largo e na rua da Portela [palacetes de coloridas fachadas azulejadas, rematados por uma panóplia de pequenas esculturas, vasos e urnas, testemunhando o gosto *burguês* dos seus proprietários].

Após estes tempos, não há interferências de maior no tecido urbano da vila na área correspondente à ocupação humana cristalizada desde o Século XVIII. Como indicámos no início, a partir do Século XIX a dinâmica urbana da vila faz-se para além da margem esquerda do Almonda pela estruturação e consolidação de uma rede de novos centros periféricos que paulatinamente conduziriam ao *estado de alma* que encontramos hoje em pleno centro de uma Torres Novas já cidade cujas memórias de vivência passadas se transpõem nas suas artérias urbanas e em parte do edificado que preenche essa rendilhada teia constringida pelos trejeitos serpenteados do Almonda.

. Qual o seu estado de alma? – Sobre a condição do centro histórico torrejano

O centro histórico torrejano revela-nos actualmente sinais preocupantes de definhamento da sua condição urbana, facto que num primeiro plano transparece na realidade social e económica presente nesse espaço.

Para essa parcela do tecido urbano torrejano a população idosa é quase o dobro da percentagem verificada para a restante área da cidade, e o mesmo se verifica para o grau de habilitações dos seus habitantes, registando-se uma percentagem superior no centro histórico sobre residentes que declaram não saber ler ou uma baixa escolaridade em relação ao verificado na restante área da cidade. Números elevados, proporcionalmente com os verificados na área urbana de Torres Novas em volta do tecido antigo, são apontados para a percentagem de residentes inactivos, desempregados ou reformados.¹⁶⁶ Temos, portanto, uma população envelhecida e empobrecida como uma das marcas de identificação daquele lugar, aspecto que se transforma em factor contrário a um desejado processo de restauro urbano.

No que diz respeito ao edificado, também os números do regime de ocupação dos alojamentos se revelam preocupantes na área correspondente ao tecido antigo de Torres Novas: o número de alojamentos familiares vagos em 2001 foi de 23% contra os 14% do resto da cidade, verificando-se também o forte peso do mercado de arrendamento nessa área contrastando os seus 53,4% com os 27,8% apurados para o tecido urbano das zonas periféricas.¹⁶⁷ Se a estes valores somarmos o mau estado de conservação de grande parte do edificado, o baixo ritmo de renovação da ocupação, o abandono desta área pelo comércio e serviços, encontramos uma situação favorecedora do processo de *suburbanidade* da cidade que, conseqüentemente, acentua a crise do seu tecido antigo enquanto centro vazio.

Como conjunto de construções e espaços abertos moldado pela soma dos tempos, concentrando elementos fundamentais para a definição da identidade colectiva dos autóctones, o centro histórico torrejano demonstra que merece ser encarado como bem patrimonial à escala local e regional e, ao mesmo tempo, acusa ser urgente travar a sua degradação e desvitalização por meio de um concertado plano de restauro urbano integrado¹⁶⁸.

¹⁶⁶ SIMÕES, Jorge Salgado – Donut Urbano ou a dialética da cidade com o seu centro histórico. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. N.º18 (2006). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. pp.145-149.

¹⁶⁷ *Idem*.

¹⁶⁸ Sobre o conceito de *Restauro Urbano Integrado*, associado aos fundamentos do ICCROM [International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property], destacamos a obra *Conservação Urbana e Territorial Integrada* por condensar um conjunto de reflexões analíticas sobre diversos exemplos de intervenções em núcleos históricos, urbanos e rurais, elucidando a importância da sua aplicação efectiva nos processos de gestão, salvaguarda e reabilitação. Vd. PORTELA, Ana Margarida; QUEIRÓS, Francisco – *Conservação urbana e territorial*

Percorrendo as artérias do tecido antigo torrejano percebemos que a massa do seu edificado se apresenta bastante heterogénea, com prédios de várias escalas e volumetrias, diferentes tipologias, distintas dimensões na forma das parcelas, diversos materiais e técnicas construtivas – facto advindo das várias fases de ocupação acontecidas diferentes tempos. [Figs. 18 a 20] A opção por demolir e construir de raiz em vez de restaurar, acontecida num passado recente, teve consequências nefastas para o centro histórico torrejano, principalmente nos casos em que se verifica uma má qualidade do projecto ou nas situações insólitas advindas de obstinações de projectistas numa busca desaustada pela originalidade ou fixação de uma imagem de marca. [Figs. 21 e 22]

É também evidente um acentuado estado de descaracterização das traças tradicionais de variados edifícios pelas alterações sofridas em intervenções de remodelação parcial ou integral, quer em fachadas quer nos interiores, algumas delas pela utilização de materiais incompatíveis ou esteticamente desadequados, alterações de cotas e de volumetrias. Nas franjas da área definida como centro histórico, junto às zonas de fronteira com o restante território da cidade, nota-se a acentuação destes problemas ou, nos casos em que tal não se verifica, a pressão do edificado contemporâneo sobre o tecido antigo, gerando as desagradáveis situações de clivagem geradas pela diferenciação, em alguns casos abrupta, de cotas, escalas, volumetrias e até de cores. [Figs. 27 e 28]

O problema da ruína/vazio é uma das mais duras realidades. Num acelerado ritmo assiste-se ao desaparecimento de inúmeros edifícios no centro histórico torrejano que devido ao abandono ou incúria dos seus proprietários ruem, deixando verdadeiras feridas abertas no tecido edificado. A gravidade da situação é tal, que no espaço de tempo que passou desde a data de realização do estudo que serviu de base a esta exposição de ideias – entre 2004 e 2010 – desapareceram vários prédios que geraram vazios gritantes na malha urbana, alguns deles com evidente interesse patrimonial à escala local. [Figs. 23 a 26]

Há, contudo, alguns sinais de reabilitação. Certos exemplos consumados lançam a esperança sobre um futuro risonho para esta área da cidade. Apesar de ainda longe do ritmo desejado, algumas obras de restauro e conservação de edifícios vão acontecendo, muitas delas devido ao estímulo de programas de apoio à reabilitação de que é exemplo o RECRUA.

Sobre os espaços comuns do centro histórico, aconteceram recentemente várias intervenções a cargo do Município no sentido da sua requalificação, constituindo exemplos as

repavimentações dos principais arruamentos daquele núcleo, a requalificação da Praça 5 de Outubro [2009] ou as obras de recuperação do castelo e sua envolvente [2009] – obras cujo financiamento foi suportado em grande parte por verbas europeias.

Neste âmbito, é importante mencionar que o Plano Estratégico do Concelho de Torres Novas no Horizonte 2015 ou *Plano de Acção Torres Novas.pt*¹⁶⁹ – *Ponte para Todos*, delineado no âmbito do QREN 2007-2013, tem previsto como um dos eixos estratégicos de desenvolvimento o da *cidade da dinamização cultural*. No conjunto de conteúdos que integram este documento é bem patente a preocupação com o centro histórico de Torres Novas, sendo o projecto *Turris XXI-Cidade Criativa*¹⁷⁰, elaborado em 2007 [na linha do anterior *Turris XXI-Programa de Requalificação da cidade de Torres Novas para 2001-2004*], um dos que mais se associa à causa, visando a revitalização da cidade torrejana, e em particular do seu centro histórico, *tomando a dinamização museológica e educativa dos seus espaços* como principal estratégia, e apostando nela como *ponto sério de partida para uma verdadeira recuperação do centro histórico* torrejano, *que servirá como motivação acrescida para a implementação da Sociedade de Reabilitação Urbana – SRU*. Outro projecto que aponta também para a futura acção da SRUTN é o projecto *Recuperar é Viver* exclusivamente vocacionado para o restauro urbano integrado do centro histórico torrejano.

Seguindo a mesma linha podemos entender o programa *CHERE – Centro Histórico em Requalificação Estratégica*¹⁷¹, destinado a aplicar apoios, prestados nas vertentes urbanas e social, sobre o centro histórico. Para a primeira vertente é indicado que o apoio abrangerá a *recuperação de fachadas e coberturas de edifícios, a recuperação dos interiores com vista a um objectivo definido pelo proponente e aceite pela autarquia e a dinamização do espaço público*. A vertente social assume-se como *especialmente virada para a juventude*, dando prioridade à *promoção da habitação permanente no centro histórico, à promoção das actividades nas áreas da restauração e bebidas, ao reforço do comércio já existente, e ao apoio às actividades inovadoras associadas à tecnologia, artesanato, cultura e turismo*. Nestes dois sentidos, o Município compromete-se a *dar apoio técnico e financeiro a projectos que se insiram no espírito e objectivo do programa*, os quais incluem também incentivos à natalidade pela concessão de um subsídio no valor de 1250 euros por cada recém-nascido às mães que provarem residir há

¹⁶⁹ Disponível em <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/ProjectosObras/TorresNovasPT/>. Consulta a 05.03.2010.

¹⁷⁰ Disponível em <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/ProjectosObras/CidadeCriativa/>. Consulta a 05.03.2010.

¹⁷¹ Disponível em <http://www.cmtorresnovas.pt/pt/conteudos/ProjectosObras/CHERE/CentroHistoricoRequalificacaoEstrategica.htm>. Consulta a 05.03.2010

mais de um ano no centro histórico [à data do nascimento], a criação do cartão municipal do residente no centro histórico [com reduções na utilização de equipamentos e transportes municipais] e facilidade no acesso ao estacionamento [benefícios válidos apenas durante a vigência do programa].

Na última revisão aos instrumentos indispensáveis para o planeamento urbano em Torres Novas - como o *Plano Director Municipal*¹⁷² ou *Plano de Urbanização*¹⁷³ - foram já incluídas indicações específicas e concretas sobre a caracterização do território correspondente ao centro histórico, tendo sido elaborado um documento de trabalho orientador das estratégias de intervenção sobre o conjunto. Teve este novo instrumento como base a planta de intervenção do GTL [Fig.10] que adivinhava já uma estratégia em função da unidade *quarteirão*. Segundo o declarado no documento do Plano de Acção *Torres Novas.pt – Ponte para Todos*, o novo documento de trabalho representa a *fase de caracterização, diagnóstico e estudo prévio levados a cabo no terreno*, tendo como principais referências as unidades de intervenção para as quais foi definido o grau e a prioridade da intervenção [aplicadas sobre o edificado, espaços exteriores e vias de circulação] e, num segundo plano, um zonamento por macro-unidades de intervenção cuja delimitação seguiu o que se entendeu como valências associadas às vivências de cada parte, resultando a compartimentação da área nas seguintes divisões: UA. Equipamentos, UB Património, Cultura e Recreio; UC Comércio de lazer, UD Habitação.¹⁷⁴

É significativa a evolução que constatamos na melhoria e aperfeiçoamento dos instrumentos de gestão por parte da tutela autárquica sobre o centro histórico torrejano. Esperamos agora que a sua aplicação prática considere verdadeiramente todas as vertentes associadas à tarefa, principalmente, que sejam considerados e entendidos os seus problemas e

¹⁷² No PDM de Torres Novas, datado de inícios da década de noventa, aferimos uma caracterização na perspectiva do ordenamento – tocando pontos como o uso e aptidão dos solos, a identificação das unidades de paisagem, a demografia ou os factores de degradação ambiental –, uma síntese das directivas da União Europeia relacionadas com essas mesmas matérias, descrições da área urbana – que referem a hierarquia dos aglomerados, áreas urbanas e áreas industriais –, não esquecendo as medições dos perímetros urbanos. Não encontramos nenhuma referência concreta ao centro histórico, e apenas na secção das fichas relativas a servidões e restrições se faz referência ao património local classificado. Todavia, um *Regulamento Relativo a Materiais de Revestimento e Cores a Aplicar no Exterior das Edificações* surgia como anexo, facto que indica alguma preocupação pela uniformização harmoniosa da paisagem urbana.

¹⁷³ O Plano de Urbanização, da década de 90 e posterior ao PDM, refere no seu regulamento «a necessidade de garantir a recuperação e a renovação das áreas degradadas», «...de garantir a protecção, defesa e valorização do património artístico, histórico, paisagístico, arqueológico e cultural», e «...de garantir a individualidade da cidade de Torres Novas» – aspectos que acusam já uma maior sensibilidade face aos principais problemas do centro histórico. Este aspecto é ainda mais flagrante se considerarmos que no artigo 3.º, relativo ao *zonamento*, se menciona no ponto 1 alínea a) (respeitante às *Zonas Edificáveis Centrais*) uma *Zona Edificável Central Histórica*.

¹⁷⁴ Vd. *Projecto Recuperar é Viver* no documento do plano de acção de índole concelhia *Torres Novas.pt – Ponte para todos* disponível em: <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/ProjectosObras/TorresNovasPT/>. pp.82-100

potencialidades. Em jeito de tabela *swot* apresentamos no **Quadro 17** a confrontação desses dois aspectos com soluções que julgamos possíveis quer no âmbito geral quer no patrimonial.

A intervenção no centro histórico terá então que ir além do nível dos pavimentos, da renovação do mobiliário urbano ou dos arranjos paisagísticos com fins puramente estéticos. Essa parte nuclear do território da cidade deve antes ser tomada como um todo, olhando-a como espaço que não prescindia das suas funções primordiais [administrativa, social, económica/comercial, cultural], como local de encontro entre os que aí residem, os que aí trabalham e os que a visitam, sendo por isso necessária uma intervenção urbana que estimule a cidadania e a consciência de uma memória que é de todos.

É pois necessária uma estratégia que inclua todos os que directa ou indirectamente interferem com a dinâmica quotidiana do centro histórico, que os questione, que os escute. Desde os moradores aos proprietários e/ou investidores. Desde os serviços em prol da ordem e segurança [Polícia, Bombeiros] aos serviços autárquicos [especialmente, Urbanismo, Obras e Saneamento, Cultura e Turismo]. Desde as associações/colectividades, aos futuros empreendedores das emergentes indústrias criativas. A estrutura de gestão do centro histórico deve ouvir todos e cada um, devendo ter a obrigação de gerar dispositivos de promoção à participação cívica [pela discussão e debate de ideais] nos momentos de ponderação das escolhas a tomar em cada intervenção.¹⁷⁵

Em jeito de conclusão, resgatamos as palavras perpetuadas por Fernando Pessoa na nota prévia que redigiu para a sua obra *Cancioneiro*, as quais tomamos como a própria voz deste centro histórico que nos contou tanto do seu *estado de alma*:

«Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E - mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem - pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.

Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo - num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva - e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma -

¹⁷⁵ Regulamento de requalificação do centro histórico de Torres Novas. Disponível em <http://www.cm-torresnovas.pt/pt/conteudos/ProjectosObras/CHERE/>. Consulta em 05.03.2010.

é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens.»



Figuras 18, 19 e 20

Três aspectos do edificado do centro histórico torrejano onde é visível a heterogeneidade das edificações
FA [Fotografias da autora]



Figuras 21 e 22

Dois exemplos de acentuada descaracterização do edificado
FA [Fotografias da autora]



Figuras 23 a 26

A ruína/vazio que assola o centro histórico

Em cima, perspectivas de 2004, à esquerda, e de 2010, à direita, sobre uma parcela urbana na Rua Nova.

Em baixo, perspectivas de 2004, à esquerda, e de 2010, à direita, sobre uma parcela urbana na Rua Serpa Pinto

FA

[Fotografias da autora]



Figuras 27 a 28

A ruína/vazio e a pressão urbana na franja do centro histórico

Topo da rua de Valverde: à esquerda em 2004, à direita na actualidade

Quadro 17

Diagnóstico sobre o centro histórico torrejano com sugestões para possíveis soluções

POTENCIALIDADES	PROBLEMAS	SOLUÇÕES DE ÂMBITO GERAL	SOLUÇÕES DE ÂMBITO PATRIMONIAL
<p>_ Situação de centralidade em relação a ligações rodoviárias de grande impacto nacional [A23, A1]</p> <p>_ Proximidade a serviços de transporte de grande dinâmica [ferroviários e rodoviários]</p> <p>_ Permanência de alguns equipamentos de serviços [educativos e municipais]</p> <p>_ Boa dinâmica associativa com fins diversos, em particular, recreativos e culturais</p> <p>_ Potencial turístico à escala regional</p> <p>_ Interessantes e diversificados recursos patrimoniais que vão muito além dos imóveis classificados existentes</p> <p>_ Situação de centralidade em relação a importantes pólos turísticos</p>	<p>_ Forte descaracterização do edificado</p> <p>_ Forte aceleração da desertificação ao nível da habitação e comércio</p> <p>_ Problemas de identificação, por parte das entidades com poder de decisão, dos aspectos singulares</p> <p>_ Grande especulação imobiliária no anel em volta desta parcela do tecido urbano torrejano</p> <p>_ Falta de estímulos à população local para o conhecimento do seu património cultural</p> <p>_ Abandono galopante por parte do comércio e serviços</p> <p>_ População envelhecida e empobrecida</p>	<p>_ Maior rigor na avaliação dos projectos de construção ou reconstrução de imóveis, estabelecendo condicionantes ao nível da volumetria, cota em altura, traça dos edifícios, cor</p> <p>_ Manter as funções, residencial, comercial e administrativa que são próprias à vida urbana deste centro</p> <p>_ Incentivar a participação da iniciativa privada no processo do restauro urbano, pela celebração de parcerias</p> <p>_ Implementar dinâmicas culturais que tirem partido dos recursos patrimoniais existentes e das infra-estruturas culturais disponibilizadas, pensadas à escala regional em articulação com os restantes municípios do Médio Tejo</p> <p>_ Estrutura de gestão alargada para além do Departamento de Urbanismo/GGCH no sentido de decisões conjuntas com os proprietários, investidores, comissões de moradores, associações, juntas de freguesia, serviços culturais, Gabinete de</p>	<p>_ Intervir nos edifícios e no espaço urbano de modo a travar a demolição arbitrária de casos que revelem interesse do ponto de vista arquitectónico, numa estratégia centrada na valorização de aspectos singulares</p> <p>_ Impulsionar o estudo do edificado, constituindo uma equipa multidisciplinar que realize um diagnóstico detalhado do seu <i>estado de alma</i>, de maneira a que as conclusões daí advindas sirvam de base à execução de futuras propostas de salvaguarda</p> <p>_ Elaboração de cartas de risco individualizadas para o património arqueológico e arquitectónico</p> <p>_ Desenvolver acções de educação patrimonial com a comunidade local, em faixas etárias para além dos indivíduos em idade escolar</p> <p>_ Se tomado como produto cultural, centrar as acções dos serviços municipais de turismo numa dimensão regional e promover material de apoio ao turismo cultural de qualidade e com base em conteúdos científicos</p>

		Turismo...	
--	--	------------	--

FONTES E BIBLIOGRAFIA

- Atlas do Ambiente. Carta de capacidade de uso dos solos. Escala 1/1 000 000.* Lisboa: SEARN, 1980.
- Atlas do Ambiente. Carta geológica.* Lisboa: SEARN, 1987.
- Atlas do Ambiente. Carta da Hidrografia Continental.* Lisboa: SEARN, 1989.
- Atlas do Ambiente. Insolação.* Lisboa: SEARN, 1987
- Atlas do Ambiente. Temperatura: temperatura média do ar.* Lisboa: SEARN, 1984
- Carta Militar de Portugal. Escala 1/25 000. Folha 329.* Serviço Cartográfico do Exército, 1969.
- Cartas e Convenções Internacionais. Património Arquitectónico e Arqueológico – Informar para Proteger.* Lisboa: IPPAR, 1996.
- Nova Augusta - Revista de Cultura.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, N.º 11-Especial Arqueologia (1999).
- COSTA, P. António Carvalho – *Corografia portuguesa e descriçã topográfica do famoso reyno de Portugal. 2.ª* Edição. Braga: Typografia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868-1869
- BICHO, Joaquim Rodrigues – *A Fábrica Grande: Subsídios para a História da Companhia de Torres Novas.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1997.
- *Toponímia da Cidade de Torres Novas.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, s/d.
- CARREIRA, Carlos – Um passado islâmico em Torres Novas (contributos para o seu estudo). *Nova Augusta – Revista de Cultura.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º18 (2006). pp. 87-137.
- COELHO, Maria Helena da Cruz – O Concelho de Torres Novas em Tempos de Crescimento e Consolidação de um Reino. *Nova Augusta – Revista de Cultura.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º 6 - Especial (1992).
- COMISSÃO DAS COMEMORAÇÕES DO OITAVO CENTENÁRIO DO FORAL DE TORRES NOVAS – *Foral de Torres Novas de 1190.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1990.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves – Sobre a Casa Urbana no Centro e Sul de Portugal nos Fins da Idade Média. *Arqueologia Medieval.* Porto: Edições Afrontamento. Vol. 5 (1997). pp. 243-265.
- *Uma Paisagem Humanizada. O Médio Tejo nos Finais da Idade Média.* Cascais: Patrimonia Historica, 2000. 2 Volumes.
- DIRECÇÃO-GERAL DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO – *Sistema urbano nacional: cidades médias e dinâmicas territoriais.* Lisboa: DGOTDU, 1997-1999. 3 Volumes.
- FUNDACIÓN DEL PATRIMONIO HISTÓRICO DE CASTILLA Y LEÓN – *La Ciudad Deseada, Valoración Cultural de La Ciudad Histórica, su Evolución sostenible y su Futuro en Ila Previsible Ordenación del Territorio.* Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 1999.
- GONÇALVES, Artur – *Memórias de Torres Novas: Novos Subsídios para a sua História.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1937.
- *Mosaico Torrejano: Miscelânea de Retalhos do Passado e do Presente de Torres Novas para Memoração no Futuro.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1936.
- *Torres Novas: Subsídios para a sua História.* Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1935.

- GREGÓRIO, Paulo Renato Ermitão – A obra do mestre entalhador Manuel da Silva, na vila do Almonda. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º 14 (2002). pp. 49-59.
- *A Igreja da Misericórdia de Torres Novas (1572-1700)*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2003.
- Torres Novas – Sinais Urbanos: do medievo ao moderno. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º 15 (2003). pp. 117-134.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Coleção «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas». 2.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- PINHO LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso e irmão, 1886. Volume 9. pp. 619-630.
- LOPES, João Carlos.– *A Confraria dos Lavradores de Torres Novas*. Torres Novas: Digital Texto Publicações, 1993.
- *Torres Novas e o seu Termo no Meio do Século XVIII*. Torres Novas: Âmagô da Questão, 1998.
- LOPES, Leonor Damas e TRINDADE, Margarida Teodora – *Confrarias Medievais da Região de Torres Novas. Os Bens e os Compromissos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2001.
- LOURENÇO, Sandra – A Ocupação Medieval na Rua Tenente Valadim, N.os 1 e 3 (Torres Novas). *Nova Augusta – Revista de Cultura*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. N.º 14 (2002).
- MANIERI-ELIA, Mario – «Centro Storico: Conservazione E Riuso». In *Il Concetto di Centro Storico*. Milano: Edizioni aAngelo Guerini e associati, 1990.
- MARQUES, A.H. Oliveira, SERRÃO, Joel [Direcção de] – «Portugal em Definição de Fronteiras. Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV». In *Nova História de Portugal*. Volume III. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MATTOSO, José – «Introdução à História Urbana Portuguesa. A Cidade e o Poder». In *Cidade e História. Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987*. Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes. FCG: Lisboa, 1992.
- «A Cidade Medieval na Perspectiva da História das Mentalidade». In *Cidade e História. Ciclo de conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Novembro de 1987*. Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes. FCG: Lisboa, 1992.
- MARQUES, A. H. de Oliveira – *Atlas das Cidades Medievais Portuguesas*. Lisboa: INIC, 1990.
- MUSEU MUNICIPAL CARLOS REIS – *Turres. Núcleo permanente de história do concelho*. s.l.: s.n., s.d.
- PEREIRA, Isaías da Rosa – *Visitas Paroquiais na Região de Torres Novas (séculos XVII- XVIII)*. Torres Novas: Serviços Culturais da Câmara Municipal de Torres Novas, 1992.
- PORTELA, Ana Margarida; QUEIRÓS, Francisco – *Conservação urbana e territorial integrada. Reflexões sobre salvaguarda, reabilitação e gestão de centros históricos em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- RAIMUNDO, Ricardo A. Varela – Da «má indolle, e péssima educação» ao «sentir mal da Santa Fé Catholica e Lei Evangelica»: o processo de Rafael Mendes Franco. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. N.º21 (2009). Torres Novas: Município de Torres Novas, pp.51-70.
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas*. 4.ª Edição. Lisboa: 1986.
- ROCHA, Francisco Canais – *Para a História do movimento Operário em Torres Novas. Durante a Monarquia e a I República (1862/1926)*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 2009.
- SALGUEIRO, Teresa Barata – *A Cidade em Portugal: uma Geografia Urbana*. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

SANTOS, António Mário Lopes dos – *Torres Novas nos Finais do Século XIX – Subsídios Históricos*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, 1994.

– *O Convento do Carmo*. Torres Novas: Santa Casa da Misericórdia, 2006.

– *O Convento do Espírito Santo de Torres Novas [1536-1799]*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2009.

SANTOS, Diana Gonçalves dos – A Requalificação do Centro Histórico de Torres Novas, segundo a perspectiva da História da Arte. *Poligrafia*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. N.º11/12 (2004/2005). pp.135-162.

SIMÕES, Jorge Salgado – Donut Urbano ou a dialética da cidade com o seu centro histórico. *Nova Augusta – Revista de Cultura*. N.º18 (2006). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. pp.139-152.

TEIXEIRA, Manuel C., VALLA, Margarida – *Urbanismo Português. Séculos XIII-XVIII. Portugal- Brazil*. Livros Horizonte, 1999.

TEIXEIRA, Maria Elvira Marques [apresentação e notas] – *Memórias para a história da vila de Torres Novas [1745-1746]*. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2009.

VASCONCELOS, Padre Inácio da Piedade e – *História de Santarém Edificada*. Volume II. Lisboa: 1740.

ZBYSZEWSKI, G.; MANUPELLA, G.; FERREIRA, O. da Veiga – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 27-C: Torres Novas*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1971.